

Arteterapia no Rio Grande do Sul

Nosso caminhar



Denise Schinetzky (Org.)

Arteterapia no Rio Grande do Sul

Nosso caminhar



2023

©2023 por Associação de Arteterapia do Rio Grande do Sul (AATERGS)

Organização do conteúdo

Denise Schinetzky

Revisão gramatical

Claudia Regina da Silva

Projeto gráfico

Paulo Roberto Alonso

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arteterapia no Rio Grande do Sul : nosso
caminhar / Denise Schinetzky (org.). --
Canoas, RS : Ed. dos Autores, 2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-73291-7

1. Artes - Uso terapêutico 2. Arteterapia
I. Schinetzky, Denise.

23-162149

CDD-615.85156

Índices para catálogo sistemático:

1. Arteterapia 615.85156

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Os direitos desta edição são reservados à AATERGS.
Proibida a reprodução total ou parcial.

AATERGS

Associação de Arteterapia do Rio Grande do Sul
www.aatergs.com.br
(54) 9107.9936

2023

A toda nossa gente, que com tanto empenho trouxeram a Associação até aqui, nesses 20 anos de caminhada, engrandecendo a Arteterapia, inspirando arteterapeutas e zelando para que clientes e sociedade recebam o melhor dessa potente terapêutica, nosso agradecimento.

Sumário

11

Prefácio

Denise Schinetzky

17

Breve história da Arteterapia

Denise Schinetzky

25

História da Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul – AATERGS

Claudia Regina da Silva

55

Arteterapia: interações, descobertas e transformações

Mara E. Weinreb

65

Anotações sobre atelier arteterapêutico

Cátia Usevicius Maia

73

Arteterapia e Psicologia Analítica

Ivana Mariani Michelon

79

O Mandala Terapêutico como Cuidado da Alma

Denise Schinetzky

89

Arteterapia e Psicopedagogia

Claudete Lourdes Lamb Regla

99

Oficina de Criatividade com abordagem

Arteterapêutica: um espaço para aprender além da sala de aula

Tânia Mara Mattiello Rossetto

111

Arteterapia na era da Cibercultura

Paulo Roberto Alonso

121

Arteterapia e arte digital: um encontro possível

Cláudia Zamboni de Almeida

133

A vida é um ato processual

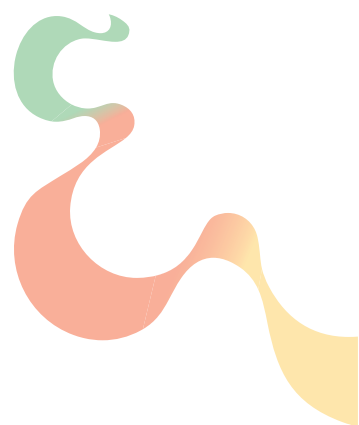
Maria Cristina Corrêa

139

Sobre a AATERGS

*“A arte não existe para produzir o visível,
e sim para tornar visível o que está além.”*

Paul Klee





Prefácio

Denise Schinetzky

Valorizar os arteterapeutas de nossa terra, nossos saberes e nossas produções sobre arteterapia é de suma importância para nós. Na gestão 2019-2021, a então presidente da AATERGS Cátia Usevicius Maia lançou o desafio de realizarmos a primeira publicação da AATERGS, com textos de arteterapeutas associados. Como já estávamos em final de gestão, o desafio ficou como compromisso pessoal para que eu, Denise Schinetzky, o tornasse realidade durante a atual gestão. É com muita alegria que chegamos ao momento de concretizar esse objetivo. Celebramos com essa publicação os 20 anos da associação e de tantas conquistas realizadas no decorrer deste tempo, por todas essas arteterapeutas que jamais esmoreceram diante dos desafios. Reconhecemos a importância do trabalho árduo das gestões anteriores e a participação de nossos associados, pois somos todos AATERGS.

Chamado lançado aos sócios com a proposta de que nos trouxessem temas de sua escolha, significado pessoal e de relevância para o público em geral, iniciamos essa etapa do nosso caminhar.

Na Introdução, apresento um recorte de meu trabalho de conclusão da Especialização em Psicologia do

Desenvolvimento e da Aprendizagem, um breve histórico do surgimento da arteterapia e seus primeiros movimentos no Brasil. O texto ressalta as contribuições do trabalho desenvolvido pela Dra Nise da Silveira, que utilizou a arte com pacientes psiquiátricos, embora denominado como terapêutica ocupacional, influenciou a construção das bases teóricas da arteterapia em terras brasileiras. Menciona grandes arteterapeutas internacionais e as pioneiras no Brasil, destacando nossa querida sócia de honra, Selma Ciornai.

A história da AATERGS, do início aos dias de hoje, é apresentada por Claudia Regina da Silva. Teve como fonte os relatos de Angélica Shigihara, Tânia Rossetto e um minucioso trabalho de pesquisa. Jornalista e arteterapeuta, ninguém melhor para escrever a respeito de uma trajetória tão rica e entrevistar as presidentes. Com a palavra Angélica Shigihara, Tânia Rossetto, Cátia Usevicius Maia e Denise Schinetzky.

Com 20 anos de experiência em arteterapia, Mara Weinreb postula a respeito da atividade artística como instrumento de intervenção terapêutica, para a promoção da saúde e para a qualidade de vida, desenvolvimento da criatividade e superação de limites. Materiais e atividades específicas como: modelagem e a conexão com as emoções, desenho e pintura como mediadores de transformação das emoções e as tramas que espelham aspectos relacionais são exemplos de temas abordados em atelier terapêutico facilitado pela autora.

Cátia Usevicius Maia nos traz sua experiência de artista e professora, de forma muito pessoal. Contando suas vivências com Atelier Terapêutico, destaca a importância dos materiais e do arteterapeuta conhecer seus usos e técnicas além de ter passado pela experimentação dos mesmos. Outro aspecto abordado é a importância do ambiente acolhedor e cuidadosamente preparado como condição para que aconteça a conexão com o cliente já na entrada de acesso de

seu atelier, o que desperta a sensação de estar entrando em “outro mundo”.

Ivana Mariani Michelin nos traz as teorias de C.G. Jung e seu entrelaçamento com a arteterapia, demonstrando as relações entre criação, produção simbólica e ampliação da consciência. O diálogo com o inconsciente proporcionado pelas atividades expressivas facilita essa comunicação interna, oportunizando a elaboração de conteúdos e acionando a Função Transcendente no decorrer do processo arteterapêutico.

Seguindo com o referencial teórico junguiano, abordo a importância das vivências e pesquisas de Jung a respeito do mandala e sua contribuição na elaboração de alguns conceitos da Psicologia Profunda. Por ser um símbolo do self que expressa a totalidade da psique, é um potente recurso em arteterapia pois oportuniza a livre expressão da alma, facilitando a comunicação e o diálogo entre consciente e inconsciente. Como recurso expressivo destaco a aquarela e sua aplicabilidade.

Sentindo a necessidade de ampliar recursos no processo de desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos em atendimento psicopedagógico, Claudete Lamb Regla buscou a formação em arteterapia. Em suas palavras, “a arteterapia surge como um recurso do trabalho psicopedagógico por ser um espaço de libertação e de descobertas, de deixar a criatividade e as ideias fluírem sem críticas ou correções. Possibilita ao indivíduo criar, construir e refletir sobre seu trabalho, seu comportamento e suas atitudes.”

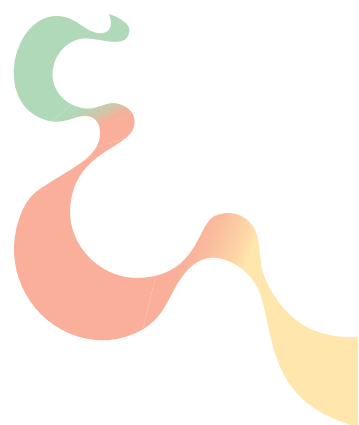
Tânia Rossetto traz um recorte de sua experiência na Educação, com a Oficina de Criatividade com Abordagem Arteterapêutica, realizada em uma escola do Sul do Brasil utilizando materiais e atividades que conectam emoções, refletem aspectos relacionais e mediam os processos de transformação usando a abordagem da arteterapia. Nas

palavras de Rossetto, cada aluno traz uma história que se soma a outras, resultando em desafios a serem administrados pelos professores e pelos próprios adolescentes que estão com as emoções “à flor da pele”. Demonstra que a intervenção com a arteterapia auxilia professores, pais e em especial, aos adolescentes a lidarem melhor com suas próprias emoções, contribuindo para o processo de aprendizagem na escola e desenvolvimento pessoal.

Paulo Roberto Alonso aborda os desafios impostos à arteterapia, aos profissionais e clientes diante da pandemia de Covid 19. Quando impossibilitados dos atendimentos presenciais, necessitamos repentinamente nos adaptar e adaptar nossos processos a um ambiente digital, o que nos causou, em um primeiro momento, estranheza, dúvidas e receios. Alonso resgata o histórico do uso terapêutico das tecnologias digitais no contexto das práticas expressivas, nos lembrando que tal movimento de experimentações e adaptações já vem acontecendo desde muito antes da pandemia recente, nos ajudando a ampliar a visão sobre o tema.

Na sequência, Cláudia Zamboni de Almeida nos apresenta e exemplifica os entrelaçamentos entre arteterapia e arte digital, destacando a importância do simbólico e da produção de sentido para os processos em arteterapia, bem como a influência da cultura digital no comportamento humano e, por consequência, no processo arteterapêutico.

Como tema central, abordando a Arteterapia e Neurociências, Maria Cristina Corrêa aborda o assunto de forma leve, poética e estimulante. Nos coloca que “o bem-estar acontece quando esta orquestraria cerebral se harmoniza com esta sinfonia corpórea, sensitiva, intuitiva e perceptória de si, dentro do contexto onde o indivíduo está inserido”, e como a arteterapia contribui para a vida como um ato processual mais consciente.





Breve história da Arteterapia

Denise Schinetzky

No final do século XIX, importantes mudanças paradigmáticas trouxeram um outro olhar a respeito do ser humano, indo além da lógica do pensamento racional e do modelo cartesiano. Fundamentado em uma nova visão de mundo, em descobertas da física moderna e também em pesquisas das ciências humanas, surgem novos conceitos a respeito da saúde mental, a partir de Freud, Adler, Jung e dentre outros que investigaram a subjetividade humana e foram pioneiros da psicologia da profundidade. (Ciornai, 2004).

As descobertas sobre o inconsciente e sua subjetividade, a importância das imagens oníricas, as inovações no campo das artes em que diferentes linguagens artísticas passaram a coexistir e se intercambiar, trouxeram conceitos revolucionários que mudaram a imagem de homem e de mundo, inaugurando uma nova perspectiva de olhar sobre ambos. Freud observou que o artista pode simbolizar concretamente o inconsciente na produção artística, retratando os conteúdos do psiquismo que, para ele, é uma forma de sublimação.

Porém, Jung foi além ao utilizar a expressão artística de forma terapêutica em consultório. Para Jung, a simbolização

do inconsciente individual e do coletivo ocorre na arte. A partir de sua vivência pessoal com a arte, introduz a linguagem expressiva como forma de tratamento, solicitando aos clientes que fizessem desenhos livres, pinturas, esculturas e até movimentos representativos de imagens de sentimentos, de sonhos, de situações conflituosas ou outras, valorizando a expressão artística e seus benefícios como componentes de cura. (Lopes, 2019).

Na Europa, em meados do século XX, o artista britânico Adrian Hill, começa a trabalhar com arte junto a feridos de guerra, obtendo importantes benefícios para a saúde mental dos internados no hospital. (Hill, 1945). É em meio a esse cenário de desorganização social e de sofrimento do Pós II Guerra Mundial que Hill utiliza o termo arteterapia. Nos Estados Unidos, Margaret Naumburg, Edith Kramer e posteriormente Janie Rhyne, também iniciavam esse movimento denominado arteterapia. Em 1969 é formalizada a Associação Americana de Arteterapia (AATA). (Duchastel, 2010, Ciornai, 2004).

No Brasil temos referências importantes que utilizaram a arte em processos terapêuticos, contribuindo para a formulação teórica da arteterapia brasileira, com o Dr. Osório César, psiquiatra que atuou em Franco da Rocha, São Paulo, no Hospital Psiquiátrico do Juquery. Marido da artista Tarsila do Amaral, incentivou e oportunizou a produção artística de seus pacientes, lutando contra as condições desumanas com que os doentes mentais eram tratados na época. Em 1925 publicou o livro com influência freudiana, “A arte primitiva dos alienados”, seguido de outras publicações.

A Dra. Nise da Silveira, uma das responsáveis pela humanização do tratamento psiquiátrico no Brasil, é referência importantíssima para a arteterapia, pois utilizou linguagens expressivas como teatro, pintura, desenho e modelagem, a fim de promover a livre expressão de seus pacientes. (Brasil, 2013). Embora definisse seu trabalho

como Terapia Ocupacional, lançou as sementes para o uso terapêutico da arte com vasta fundamentação teórica que são importantes para os arteterapeutas. Na década de 40, trabalhando junto aos pacientes psiquiátricos no Hospital D. Pedro II, no Rio de Janeiro, realizou um amplo estudo das imagens produzidas pelos pacientes, como forma de comunicação e organização do inconsciente, sob a ótica do referencial junguiano, deixando um grande legado teórico, e inspirando a todos os que praticam as terapias através da arte. Com as obras de seus pacientes funda, em 1952, o Museu de Imagens do Inconsciente. Vários documentários foram produzidos sobre o trabalho da Dra. Nise da Silveira, em destaque ao filme “Nise - o coração da loucura” por ser fidedigno aos fatos ocorridos no Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro.

Em 1957 a Dra. Nise vai à Zurique para fazer estudos no Instituto C.G. Jung e participar do II Congresso Internacional de Psiquiatria, sendo reconhecida internacionalmente como pesquisadora brasileira. Leva na bagagem pinturas e modelagens de seus pacientes, e ganha uma sala exclusiva para expor os mandalas que receberam atenção especial de Jung. A partir desse momento, inicia-se um relacionamento mais próximo com Jung, e a psicologia junguiana é introduzida em terras brasileiras. Seu primeiro livro “Imagens do Inconsciente” é uma importante referência teórica para os arteterapeutas. Sobre o trabalho da Dra. Nise da Silveira, afirma Walter Boechat:

Considero que, pela libertação das mãos com as atividades expressivas e pela libertação do coração com o olhar compassivo, Nise da Silveira tornou-se um novo Phillipe Pinel do século XX. mas enquanto Pinel libertava os loucos de suas algemas nos hospitais de Paris do século XIX, dando-lhes o status de pacientes psiquiátricos, não de possuídos por demônios, retirando deles a nomina religiosa a qual estavam confinados e conferindo-lhes a nomina médica. Nise da Silveira os liberta desta outra

prisão, a prisão diagnóstica. Conferindo-lhe o status de pessoas humanas. Talvez este seja o cerne de seu trabalho, em minha opinião. Além disso, fica também demonstrada a eficácia terapêutica das artes expressivas e que a Terapêutica Ocupacional é uma eficiente estratégia terapêutica para grandes hospitais, como quis Nise da Silveira. (2012 apud Brasil 2013, p.36).

Selma Ciornai trouxe importantes contribuições teóricas, ou seja, é uma das pioneiras da Arteterapia no Brasil. Seu primeiro contato com a arteterapia foi em Israel, em 1975. Em 1978 iniciou seu Mestrado em Arteterapia, na Califórnia, onde conheceu Janie Rhyne. Durante cinco anos em que estudou nos Estados Unidos, participou de congressos, e teve contato com diversos profissionais da arteterapia. Em 1983 é credenciada na Associação Americana de Arteterapia.

Segundo Ciornai, Margarida M.J. de Carvalho é uma das primeiras arteterapeutas brasileiras. Autodidata, teve seu primeiro contato com a arteterapia em 1964, com Hanna Yaxa Kwiatkouska, no Curso de Extensão Universitária em Arteterapia, no Instituto de Psicologia da PUC-SP. Nos anos 1980 Angela Philippini iniciou um grupo de estudos na Clínica Pomar no Rio de Janeiro, transformado mais tarde em Pós-Graduação, sendo um dos cursos mais antigos do Brasil. Ciornai implementou o primeiro Curso de Formação de Arteterapia em São Paulo em 1984, no Instituto Sedes Sapientiae e em 1990 inaugurou o Curso de Especialização em Arteterapia. Em 2001, Ciornai trouxe o curso a Porto Alegre como Formação no INFAPA. A abordagem da arteterapia praticada por Ciornai segue a Gestalt como principal referencial teórico, sendo essa uma das linhas praticadas no Brasil e em diversos países. (CIORNAI, 2004).

Os primeiros cursos de formação ou especialização tiveram início após os arteterapeutas semearem nosso solo com seu trabalho pioneiro em atendimentos clínicos, institucionais ou workshops. Vieram então anos férteis para

o ensino formal da arteterapia, começando a desabrochar, contribuindo para saúde mental do povo riograndense. Em 1998 Bagé sedia a primeira turma de Especialização em arteterapia. Em 2001 inicia em Porto Alegre a primeira turma de Formação em Arteterapia de Abordagem Junguiana, na Clínica Psique, com Lígia Diniz, uma das sócias de honra da AATERGS. Nesse mesmo ano inicia também o curso da Centrarte. Importante destacar que, em 2004 a FEEVALE implementou a primeira graduação em arteterapia do país. Hoje colhemos frutos desse trabalho grandioso e próspero que tem o zelo de nossa Associação.

Novas instituições abriram cursos de formação ou especialização em arteterapia e foram acolhidas na associação: IERGS, UPF, CENSUPEG, INTCC/FAMAQUI, UCS e, recentemente a Formação de Arteterapia Junguiana em parceria com o IJRS - Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul.

Semelhante ao que ocorre nos Estados Unidos e em outros países, no Brasil temos as associações regionais de arteterapia que formam a União Brasileira de Associações de Arteterapia, a UBAAT. Existem critérios que os cursos de Formação e de Especialização devem seguir para que possam ser cadastrados nas associações, tais como: 360 horas/aulas seguindo os conteúdos obrigatórios, e observando os pré-requisitos para o corpo docente, 100 horas de estágio e 60 horas de supervisão, aceitando apenas alunos já graduados.

Referências bibliográficas

BRASIL, Cláudia. **Cores, formas e expressão - emoção de lidar e arteterapia na clínica junguiana**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CIORNAI, Selma (org). **Percursos em Arteterapia - vol. 63**. São Paulo, Summus Editoria, 2004.

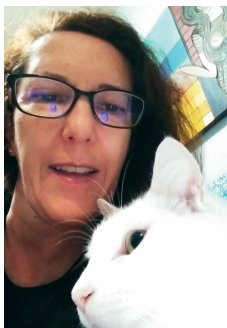
_____. **Percursos em Arteterapia - vol. 64**. São Paulo, Summus Editorial, 2004.

CIORNAI, S; DINIZ, L. **Arteterapia no Brasil**. Artigo traduzido e extraído da Revista "Arteterapia - Papeles de arteterapia y educación artísticas para la inclusión social", Vol 3/2008, pg. 13-16, ISSN:1886/6190. Uma publicação da Universidad Complutense de Madrid.

DUCHATEL, Alexandra. **O Caminho do Imaginário**. São Paulo: Paulus, 2010.

HILL, Adrian. **Art Versus Illness**. London: George Allen and Unwin, 1945.

LOPES, Cristina P. **Práticas criativas de arteterapia como intervenção na depressão - memórias da pele**. Petrópolis: Vozes, 2014.



Claudia Regina da Silva

AATERGS 134/1016

Sou educadora com mestrado em Educação, produtora cultural, jornalista e arteterapeuta. Toda minha formação se integra e ganhou maior sentido com a Arteterapia. O criativo, o sensível, o lúdico, a autoria, as descobertas de si e as possibilidades de trocas com o mundo interno (inconsciente) e o mundo externo (expressão) são componentes da minha atuação profissional e do meu andar no mundo. E estou sempre me surpreendendo... e muito grata por cada passo nessa caminhada.

claudinhars@uol.com.br
@claudiareginaarteterapeuta





História da Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul – AATERGS

Claudia Regina da Silva

A Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul – AATERGS – foi constituída no mesmo cenário em que se formou a União Brasileira de Associações de Arteterapia – a UBAAT. No primeiro Fórum Nacional de Arteterapia, convocado no Congresso Brasileiro de Arteterapia em Ouro Preto, no mês de novembro de 2002, foi deliberada a criação de um órgão unificador e articulador da Arteterapia em nível nacional. Logo em seguida, no Rio Grande do Sul, um grupo de arteterapeutas buscou reunir profissionais de diversas instituições, alunos, professores e coordenadores de cursos de Arteterapia, independente da linha teórica. A primeira reunião aconteceu em 10 de fevereiro de 2003.

Com a adesão de sócios de várias cidades do Rio Grande do Sul, mantendo representantes no Conselho Diretor da UBAAT desde antes de sua fundação oficial, o grupo que constituiu a primeira diretoria da AATERGS tratou de produzir documentos, estatuto e desenvolver um trabalho de divulgação da profissão e do trabalho de seus associados, através de seminários, oficinas, palestras, intervenções e ações nos meios de comunicação. A primeira sede que acolheu o trabalho foi uma sala cedida gratuitamente pela Comunidade São José (no subsolo da Igreja), no centro

histórico de Porto Alegre.

No dia 21 de julho de 2003 foi oficialmente criada a Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul, registrada como entidade civil sem fins lucrativos. Além dos sócios fundadores, a AATERGS decidiu nomear como sócias homenageadas as arteterapeutas Selma Ciornai, Maria de Betânia Norgren e Lúgia Diniz. Foram consideradas madrinhas da associação que se estruturava, por terem auxiliado na montagem e cuidados dos dois primeiros cursos de formação em Arteterapia no Rio Grande do Sul, partilhando seus conhecimentos e experiências. Essas profissionais radicadas em São Paulo e no Rio de Janeiro por diversas vezes foram a voz dos arteterapeutas do Sul, levando pareceres para contribuir nos Fóruns em nível nacional.



Reunião de sócios na sede da AATERGS (subsolo da igreja São José) em dezembro de 2004, de esq a dir. em pé: Bárbara Gehrke Rohde, Regina Tischter Heinen, Zenar, Eliane Bruel, Rosangela Maria Zilio, Heloisa Linhares Fichtner, Marihê Piccinini, Laura Kerber. Agachadas: Kira Burro, Luísa Hogetop, Laura Barros, Angélica Shigihara.

No Fórum de Vitória, Espírito Santo, no dia 17 de agosto de 2003, foram criadas as bases para a União Brasileira de Associações de Arteterapia, fundada formalmente em São Paulo, no ano de 2006. A AATERGS participou desde o princípio de suas atividades com representantes nas Comissões Científicas dos Congressos de Arteterapia (além de apresentar trabalhos nesses eventos), nos Ciclos de

Estudos, Semanas Acadêmicas, Feiras de Profissionais e Fóruns de Arteterapia.



Leitura do Estatuto aprovado na Assembleia de Fundação da UBBAT em São Paulo, no Instituto Sedes Sapientiae, em 22 de abril de 2006. Glicia Manso (AARTES), Angélica Shigihara (AATERGS), Otília Rosângela de Souza (AMART), Flora Fiussi (ABCA), Ana Claudia Valladares (ABCA), Delinda Fabietti (AATESP), Andrea Graupen (Arte-PE), Selma Ciornai (AATESP0 e Arimar Ferreira (AARJ).



Grupo de conselheiros da UBAAT, após a elaboração e aprovação do Estatuto da instituição, em São Paulo, 22 de abril de 2006. Andrea Graupen (Arte-PE), Lucivone da Costa Silva das Neves (ASBART), Otília Rosângela de Souza (AMART), Flora Fiussi (ABCA), Arimar Ferreira (AARJ), Selma Ciornai (AATESP), Angélica Shigihara (AATERGS), Lúgia Diniz (AARJ) e Ana Claudia Valladares (ACCA).

AATERGS - Comunicação

Uma associação precisa comunicar-se com seus sócios e também com o público, por isso desde cedo a AATERGS concebeu um logotipo para marcar sua identidade, que a partir da criação coletiva foi finalizado pelo sócio que é designer, Nirvan Giacomini, em 2004.

Nos primeiros anos, foi editado e distribuído por e-mail um Boletim Informativo de Arteterapia, chegando a mais de três mil destinatários nas áreas da saúde, psicologia e educação.

Foi criado o site da AATERGS (<http://www.aatergs.com.br>), com o objetivo de divulgar a lista de seus sócios de maneira virtual, além de fornecer informações sobre a associação e Arteterapia. Houve também uma comunidade no Orkut e um Blog, que publicava as atividades da associação. Acompanhando a evolução das redes sociais, logo se aderiu ao Facebook e mais tarde ao Instagram.

Em 2012 um telefone próprio foi uma conquista significativa para a associação. Nesse ano também a AATERGS realizou produção de material para contribuir com a produção de um vídeo sobre Arteterapia elaborado e editado pela UBAAT.

Em 2017 a AATERGS passa a existir no Instagram, atualizando e evoluindo na comunicação virtual. Em 2019 a diretoria reuniu um grupo de sócios para trabalhar num Plano de Comunicação estabelecendo estratégias para o período, propondo a edição de cards para veicular no instagram e um perfil para qualificar a apresentação individual dos arteterapeutas no site, além de uma série de ações visando aproximar a associação dos profissionais e estudantes que a constituem. A partir de 2020 começa a interação online, com realização do seminário Arteterapia em Debate, abordando a formação presencial e virtual em Arteterapia, contando com a presença de Selma Ciornai, Maria Glória Dietrich, Glica Manso, Daniel Confortin, Cátia Usevicius e Tânia Rosseto.

Em 2021 acontece o ciclo de oficinas online para arteterapeutas e o segundo seminário online promovido pela AATERGS – Arteterapia e Saúde Mental na Pós Pandemia, abordando a questão das PICs – Práticas Integrativas e Complementares. Esse evento teve como convidados os

sócios Márcio Badia, Marita Padilha Bombel, Tânia Rosseto e Angélica Shigihara.

Conquistas importantes na história da Arteterapia com participação da AATERGS:

Destaques nos Fóruns da UBAAT

A diretoria da AATERGS participou ativamente das discussões e promulgação de normas da UBBAT em todos os fóruns realizados desde o princípio de sua existência. Reuniões com presença de representantes gaúchos aconteceram mesmo antes da União Brasileira existir formalmente, desde 2002, nos encontros realizados em Ouro Preto (MG), no Rio de Janeiro (RJ) e em Vitória (ES), onde foram realizados dois Fóruns no ano de 2004. Em 2005 o Fórum da UBAAT aconteceu junto ao 1º Encontro do Mercosul de Arteterapia, no Rio de Janeiro, dando início à elaboração do estatuto da entidade.

A UBAAT realizou até dois fóruns por ano. Aqui estão destacados aqueles que marcam momentos importantes e que contam com a contribuição da AATERGS. Em 2006 o Fórum realizado em São Paulo (SP) formalizou a criação da UBAAT e no mesmo ano, em Recife (PE), depois de muito debate foi aprovado o Código de Ética dos arteterapeutas, cujo registro formal foi feito em abril de 2008, no Fórum realizado em Salvador (BA). No mesmo ano, no mês de novembro, no Rio Grande do Sul aconteceu o Fórum junto ao VIII Congresso Brasileiro de Arteterapia realizado na cidade de Canela (RS), onde a partir da proposta da sócia Bárbara Neubarth (AATERGS 024 – 1204), foi elaborado e publicado um documento de referência - a Carta de Canela, para divulgar as determinações da União Brasileira de Associações de Arteterapia, consolidando a UBAAT como instituição representativa da arteterapia em nível nacional.



Painel de Abertura 'Arteterapia Hoje' no VIII Congresso Brasileiro de Arteterapia em Canela / RS, no Hotel Laje de Pedra. Angélica Shigihara (AATERGS), Raquel Wosiak (ASBAT), Otilia Rosângela Souza (AMART, representando a UBAAT) e Constantino Orsolin, prefeito de Canela.



Arteterapeutas em atividade no VIII Congresso Brasileiro de Arteterapia, em Canela, 2008.

Diversos fóruns foram realizados, onde os debates evoluíram para chegar na publicação das resoluções que normatizam a formação de arteterapeutas em nível nacional, no Fórum que ocorreu em setembro de 2013, em Camboriú (SC). A Resolução 001 trata do currículo mínimo para formação do Arteterapeuta e sobre o cadastro dos cursos de Arteterapia no Brasil. A Resolução 002 dispõe sobre coordenação, docência, supervisão, orientação de TCC e cadastro dos cursos de Arteterapia no Brasil. No mesmo ano, a Arteterapia foi integrada ao Código Brasileiro de Ocupações – CBO, iniciando o percurso para tornar-se uma profissão legalmente reconhecida.

No ano de 2020, período da pandemia do Corona vírus, pela primeira vez o Fórum da UBAAT ocorreu online e publicou uma resolução que orientou a atuação dos arteterapeutas, considerando a situação inédita para

organização de atendimentos e atividades de formação. Em 2022 o Congresso Brasileiro de Arteterapia volta a acontecer de forma presencial em Belo Horizonte (MG), recebendo no Fórum as discussões e acompanhamento da UBAAT, que segue realizando em paralelo fóruns online. Seis arteterapeutas gaúchas apresentaram trabalhos nesse Congresso e a AATERGS enviou duas representantes da diretoria para participar desse importante momento de retomada das atividades presenciais.

Congressos de Arteterapia

A UBAAT prevê que se realizem a cada dois anos os Congressos Brasileiros de Arteterapia, que muitas vezes coincidem com a realização de fóruns da entidade. Além destes, acontecem os Congressos do Mercosul e Congressos Latino-americanos, que já foram sediados algumas vezes no Brasil. Muitos eventos internacionais merecem destaque e alguns aconteceram na mesma cidade com pequeno intervalo de tempo, enriquecendo a troca e o debate. É o caso do Rio de Janeiro, que recebeu o Congresso Luso Brasileiro de Arteterapia em 2015, e o Congresso Latino-Americano de Arteterapia em 2017. Esses encontros são sempre grandes oportunidades para troca de experiências e conhecimento, onde a AATERGS contribuiu e trouxe para seus sócios o resultado da participação.

Nas ocasiões em que aconteceram Congressos em outros países, recebendo a presença e contribuição de representantes da associação, novos laços se formaram, além da troca formal. Na Argentina, para citar um exemplo, a AATERGS participou do Congresso Latino-Americano de Arteterapia em Buenos Aires, nas edições de 2013 e 2015. No primeiro evento, num intervalo para o café na Livraria Atheneu, houve o contato com Sonia Lopez, que ministrava um workshop de dançaterapia no Congresso. No ano seguinte

Sonia - dançarina, coreógrafa e arteterapeuta, veio a Porto Alegre para realizar a Jornada de Dançaterapia no espaço da escola Balé Studio.



Mesa de encerramento do 5º Congresso del Mercosur e 4º Congresso latinoamericano Arteterapia campo de conocimiento - transdisciplinariedad, campo de acción - interdisciplinariedad. Buenos Aires, Argentina, 15 de novembro de 2013. Angela Phillipini (AARJ), Adriana Farias (IUNA-Arg) Selma Ciornai (AATESP), Pamela Reyes (Chile), Marcelo Gonzalez Magnasco (IUNA-Arg) e Angélica Shigihara (AATERGS).



Angélica Shigihara e Tânia Rosseto apresentando trabalho sobre AATERGS: Ações coletivas em prol da profissão do arteterapeuta: reconhecer singularidades, compartilhar saberes, fortalecer a profissão, uma experiência no sul do Brasil. No Congresso em Buenos Aires, em 14 de novembro de 2013.

Práticas Integrativas Complementares - PICs

Em 2019 a associação esteve presente no lançamento da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares (PEPIC/RS), tendo participado dos fóruns de discussão em âmbito municipal e estadual que abordavam a inserção de práticas complementares na rede pública de saúde, incluindo a arteterapia, desde 2013.

Projeto de Lei 3416/2015 – regulamenta a profissão de Arteterapeuta

A AATERGS participa de toda a discussão, argumentação e sensibilização junto aos parlamentares que podem tornar a profissão de arteterapeuta devidamente regulamentada. Assegurando direitos e garantindo a proteção legal à atividade, incluindo-a de fato nas Práticas Integrativas Complementares – o que amplia o campo de atuação, ao mesmo tempo que estende a abrangência do público que vai ser beneficiado pelos recursos arteterapêuticos na promoção da saúde, garantindo que a Arteterapia seja praticada por profissionais devidamente qualificados.



Arteterapeutas do Brasil presentes na Comissão do Trabalho, Administração e Serviço Público no Congresso Nacional em Brasília, em 30 de agosto de 2022.



Grupo de arteterapeutas no Congresso Nacional, representando a UBAAT, alunos, cursos, familiares, clientes e associações. AATERGS representada aqui por Tânia Rosseto.

Encontros, Oficinas e Cursos promovidos pela AATERGS

Desde o princípio de sua existência, muitos eventos de formação e troca de conhecimentos foram ofertados aos sócios da AATERGS, qualificando a atuação dos arteterapeutas e integrando estudantes e profissionais em encontros, oficinas e cursos com temas diversificados. Alguns desses eventos, visando divulgar a Arteterapia, aconteceram em espaços que permitiam a participação aberta de público, com propostas que pudessem mostrar a proposta com algumas técnicas expressivas e material de divulgação sobre a associação e as possibilidades que a busca de um arteterapeuta oferecem. Momentos assim têm ocorrido na Feira do Livro de Porto Alegre e outros espaços abertos.

Cabe destacar o Curso de Arteterapia, Atualização / Complementação, dirigido a sócios que desejassem atualizar-se e profissionais das Artes, oriundos da Residência em Saúde Mental, que buscavam qualificação tornando-se arteterapeutas profissionais. Este curso realizou-se em 2010, sob coordenação de Bárbara Neubarth. Depois da publicação da Carta de Canela, em 2008, a UBAAT estabeleceu um prazo para que houvesse a qualificação profissional para atuar como arteterapeuta. A AATERGS ofereceu o curso em quatro módulos, garantindo a formação suplementar para quem já atuava na área.

Formação em Arteterapia no Rio Grande do Sul – Cursos reconhecidos pela AATERGS

São credenciados os cursos que seguem os critérios da UBAAT. No site da AATERGS está publicada uma relação da oferta de Formação ou Especialização, constantemente atualizada. Cada curso, a cada nova turma, tem seu programa analisado pela Comissão Técnica, que solicita ajustes, quando

necessário, para manter o credenciamento.

As presidentes da AATERGS

Os sócios fundadores e todos os outros que tornam a AATERGS uma entidade representativa da categoria, sejam estudantes ou profissionais, são a razão de existir de uma associação que congrega os arteterapeutas. Diversos nomes mereceriam destaque e aqui são representados pelas mulheres que aceitaram assumir a presidência da associação desde o princípio. Com a palavra, as presidentes:

Angélica Shigihara de Lima



Foto de Caroline Felipe

Natural de Buenos Aires, Argentina, vive em Porto Alegre desde 1990. Com licenciatura em Educação Infantil e Artes Visuais – ênfase Desenho, especialização em Educação Especial – Altas Habilidades, depois de muito tempo fazendo da expressão artística e da criatividade as bases do seu trabalho, descobriu a arteterapia como um campo que

conjugava aquilo que já estava na sua prática:

Após alguns anos trabalhando voluntariamente na Associação Gaúcha de Altas Habilidades, em 1998, num congresso internacional sobre o tema em Brasília, descobri um pequeno livro chamado: "A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia", fiquei maravilhada, o que eu fazia no atelier tinha nome: Arteterapia.'

A formação como Arteterapeuta aconteceu na primeira turma do INFAPA (Instituto da Família de Porto Alegre) em 1999, do Curso de Formação em Arteterapia no contexto social e institucional, concluído em 2003. Participou do V Congresso Brasileiro de Arte-terapia (essa era uma das grafias utilizadas antes de 2004, quando foi unificado o termo arteterapia como designação), onde foi convocado o Fórum que definiu a criação de uma entidade representativa nacional e associações regionais que participariam para unificar critérios na formação profissional, definir o Código de Ética do arteterapeuta, promover e regulamentar sua formação e atuação.

Angélica foi escolhida para dirigir a Associação recém-criada no Rio Grande do Sul, em 2003, tendo participação marcante pela dedicação e trabalho desenvolvido junto ao grupo de arteterapeutas que se dedicou a compor o estatuto após uma série de reuniões, concretizando a existência da AATERGS. Participou como representante da associação junto à UBAAT (União Brasileira de Associações de Arteterapia) desde a preparação anterior à fundação da entidade nacional, em 2006. Permaneceu na presidência da AATERGS por três gestões consecutivas, de 2003 a 2009, na gestão seguinte permaneceu na diretoria como vice-presidente, assumindo novamente como presidente em mais duas gestões: de 2015 a 2019. Por esse vínculo e sua participação frente à associação, Angélica tornou-se fonte primeira a ser consultada quando se fala da construção do

caminho formal para garantir a formação e profissionalização dos arteterapeutas no Rio Grande do Sul – e nos outros estados, pela contribuição como conselheira nos fóruns em nível nacional.

‘Na UBAAT as associadas são as instituições, representadas pelos conselheiros. Atuando em grupos de trabalho, reuniões, fóruns e assembleias. Pessoalmente sinto-me honrada de ter participado desde o início da ideiação da UBAAT, e compreender a importância da criação da AATERGS como entidade representativa do Estado, de todos os arteterapeutas do RS, sem distinção de sua origem, sempre respeitando as normativas de filiação determinadas pela UBAAT.’

Permanecendo durante longo período na direção da associação, Angélica destaca a relevância da participação dos sócios e demais membros da diretoria para garantir a realização de inúmeros eventos de formação e de momentos marcantes para definir novos rumos para a arteterapia, como o VIII Congresso Brasileiro de Arteterapia, realizado em Canela, em 2008. A AATERGS foi responsável pela organização e articulação do evento, que teve participação de todos os estados e arteterapeutas de outros países, com oficinas, exposições e apresentação de trabalhos de pesquisa.

‘Demandou tempo, envolvimento e muita capacidade organizacional. Não poderíamos ter realizado um evento dessa envergadura sem o apoio de muitos sócios da AATERGS: Maria da Paz Peixoto, Bárbara Neubarth, Barbara Rhode, Eliane Bruel, Marihê Piccinini, Kira Burro, Elisa Tesseler e Eliane Barreto.’

A participação da AATERGS nos Fóruns da UBAAT iniciava com o debate prévio dos temas abordados com os sócios em reuniões presenciais e por e-mail, facilitando para que os representantes levassem sempre uma posição coletiva. No primeiro Fórum em Vitória, 2003, prévio à fundação

da UBBAT representaram a associação Angelica, Marihê Piccinini, Eliane Bruel, Maria da Paz Peixoto e Bárbara Rohde, que arcaram com as despesas, pois a associação ainda não tinha recursos financeiros. Após o Congresso de Canela houve melhora na arrecadação e participação presencial de sócios nos fóruns de Goiânia, Belo Horizonte e outros, incluindo a presença na comitiva que foi a Brasília, para promover a inclusão do arteterapeuta na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

Tânia Mara Mattiello Rosseto



Foto de Caroline Felipe

Natural de Veranópolis, Rio Grande do Sul, tem formação em Licenciatura Plena em Educação Artística. Seu encontro com a Arteterapia aconteceu em 2003, num workshop ministrado por Vera Heller, arteterapeuta canadense, no INFAPA em Porto Alegre. As vivências revelaram à Tânia o encontro da Arte com a Psicologia. Alguns anos depois ela buscou a formação no Curso de Arteterapia no Contexto Social e Institucional, no Instituto da Família de Porto Alegre – INFAPA.

Tânia foi presidente da AATERGS no período de 2013 a 2015, retornando como segunda vice-presidente na gestão de 2021 a 2023. Participava da associação desde o período de estudante, trocando informações, conhecendo as linhas de trabalho e atuação dos arteterapeutas. Quando assumiu a presidência, dedicou-se à realização de um evento marcando os dez anos de existência da AATERGS, dedicando-se a cumprir um dos objetivos da associação, previsto em seu Estatuto: congregar e representar arteterapeutas e instituições de Arteterapia do Estado do RS, estabelecendo intercâmbio de conhecimento e experiências, esforços, estudos e ações em prol da Arteterapia no Estado, no País e além das fronteiras.

'O evento aconteceu no dia 7 de setembro de 2013, na sede do INFAPA, lembrando do início da AATERGS, homenageando os 15 sócios fundadores que acreditaram numa ideia e na Assembleia de 21 de julho de 2003 preencheram e assinaram a ficha de adesão. Homenageamos também as três sócias de honra, que estiveram incentivando e fortalecendo o início das atividades dessa associação (Selma Ciornai e Maria Bethânia Norgren, de São Paulo, e Lígia Diniz, do Rio de Janeiro).'

Nessa gestão a AATERGS deslocou sua sede para o Atelier 3A, no Centro Histórico de Porto Alegre, facilitando o acesso da diretoria a diversos órgãos públicos para encaminhamentos legais, resolvendo pendências fiscais, jurídicas e contábeis da instituição. Com a doação de um celular, que passou a ser divulgado nas comunicações com os sócios. Logo o WhatsApp, uma novidade, serviria para as trocas entre a equipe diretiva. Em termos de comunicação, houve um avanço nas peças produzidas em 2014: um folder apresentando a associação e o selo de identificação, um adesivo que marca a presença do arteterapeuta atuando no seu contexto.

Tânia marcou seu período à frente da AATERGS pelo esforço para dotar a associação com as características de uma

instituição da sociedade civil organizada, que tem por objetivo desenvolver atividades atuando em conexão com outras instituições, produzindo algo positivo para a comunidade. Como presidente, aceitou o desafio de trazer sua experiência para enriquecer a arteterapia e fazer o melhor possível diante dos desafios:

'Quando assumimos a gestão, eu tinha finalizado a Residência Integrada em Saúde, com ênfase em Saúde Mental. Tive a oportunidade de participar e acompanhar diversas instâncias representativas dos residentes, das quais fiz parte, dos usuários da saúde mental, das instituições públicas e suas implicações com a sociedade. Vi a importância da política no trabalho com a saúde mental. Dali, busquei também formação no Terceiro Setor para entender o que era uma associação e qual seu papel na sociedade, antes de assumir a presidência.'

Nesse período, além de diversas ações locais, a diretoria da AATERGS participou do Congresso de Arteterapia em Buenos Aires, em 2013, e representou a categoria em dois Fóruns da UBAAT, assegurando o voto que alterou o Estatuto e regulamentou a Arteterapia em nível nacional. Também fez parte da Comissão da UBAAT que criou o Pré-projeto de Lei para o reconhecimento da Arteterapia, redigindo a justificativa da proposta, junto com a Associação Brasil Central de Arteterapia – ABCA, a Associação Catarinense de Arteterapia – ACAT e da Comissão de Registro dos Cursos de Arteterapia, com a Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro -AARJ e Associação Mineira de Arteterapia – AMART.

Cátia Usevicius Maia da Silva



Foto de Caroline Felipe

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Licenciada em Educação Artística, com Bacharelado em Artes Plásticas - ênfase em Desenho e especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. A descoberta da Arteterapia para Cátia aconteceu quando, atendendo como psicopedagoga uma criança em especial, percebeu que o contato se deu pela arte, sem falar. A interação aconteceu através da escultura e ela então percebeu a necessidade de buscar uma formação específica. Depois de participar de vivências em três instituições distintas e de um congresso, escolheu realizar sua formação como arteterapeuta no INFAPA, em 2003.

Sua participação na diretoria da AATERGS aconteceu desde 2013, como segunda vice-presidente, assumindo depois o cargo de primeira vice-presidente nos mandatos seguintes, de 2015 a 2019, quando assumiu a presidência da associação até 2021. Segundo sua avaliação, havia um pequeno grupo que trabalhava arduamente e a AATERGS precisava de renovação. Com alguns sócios constituindo um novo grupo de trabalho, aceitando o desafio proposto para

trabalhar junto às diversas comissões, aos coordenadores de cursos de formação em Arteterapia e no acolhimento de sócios e arteterapeutas que quisessem regularizar sua situação profissional.

A pandemia, em 2020, determinou novos parâmetros para os atendimentos em Arteterapia: a demanda cresceu, as especificações para o atendimento online eram necessárias... os debates nas reuniões com os coordenadores de cursos, assim como o trabalho junto ao Conselho da UBAAT, para regulação dos critérios para os cursos online foram muito intensos.'

A AATERGS realizou nesse período uma pesquisa junto aos sócios, coordenada por Tânia Rosseto, da Comissão Científica, para levar à UBBAT o posicionamento dos arteterapeutas do Rio Grande do Sul. Em setembro de 2020 foi realizado o primeiro Seminário de Arteterapia online, com palestrantes de todo o Brasil debatendo o tema da Formação em Arteterapia.

Houve nessa gestão investimento significativo na Comunicação, com planejamento institucional específico abordando as mídias sociais, criando perfis profissionais dos sócios no site da AATERGS e renovando a identidade visual da associação após dez anos da criação da logomarca, com uma campanha especial para os 18 anos da associação criada pelo sócio Nirvan Giacomini.

Cátia foi convidada, em 2017, quando participava de uma exposição e encontro internacional de Mosaico, em Buenos Aires, pelo mosaicista italiano Giulio Menossi, para fazer parte de uma conferência internacional na Sardenha, Itália, que realizou-se em 2019. Lá a arteterapia não existe como profissão, são psicólogos e psiquiatras que utilizam a arte como terapia.

‘Eles realizam belos trabalhos, foram cinco profissionais de diversas cidades italianas. Todos ficaram impressionados como a Arteterapia já é uma profissão em vias de regulamentação no Brasil. Tive a oportunidade de explicar o corpo e o conceito da arteterapia, falar sobre a UBAAT, as associações regionais e apresentar o resultado de meu trabalho em atelier terapêutico com mosaico, em Porto Alegre.’

A partir de 2019 a diretoria da AATERGS participou da Frente Parlamentar em Defesa das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) em saúde. A vice-presidente Maria da Graça Guimarães Barbosa e, Angélica Shighihara estiveram à frente do trabalho, com participação de vários sócios no contato direto com parlamentares na Assembleia Legislativa ou com a presença em reuniões junto às prefeituras definindo a formulação de editais para a contratação de arteterapeutas. Também foram feitos inúmeros contatos telefônicos, enviados ofícios e e-mails e participação em encontros na Câmara Municipal de Porto Alegre.

Denise Schinetzky



Foto de Caroline Felipe

Natural de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, formada em Licenciatura e Bacharelado em Artes Plásticas, com Especialização em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. A arte sempre esteve presente em sua vida, desde a infância. Depois de alguns anos lecionando no ensino público, passou a dedicar-se ao atendimento em terapias holísticas e ao buscar meios de auxiliar mais e melhor as pessoas, encontrou a Arteterapia. Realizou sua formação no Curso de Arteterapia Junguiana da Clínica Psique.

Na AATERGS, Denise foi segunda vice-presidente na gestão de 2019 a 2021, quando assumiu a presidência da associação. Como desafios centrais considera o trabalho voluntário de poucas pessoas empenhadas e comprometidas, que nessa gestão buscaram conseguir realizar projetos que fortaleçam a categoria e levar a Arteterapia ao conhecimento do público, dos profissionais e instituições de saúde.

‘Temos mais sonhos e desejos do que podemos realizar, então focamos no que é mais importante e factível, como as ações em prol do PL 3416/2015 (que regulamenta a profissão do arteterapeuta), já em fase final, e valorização profissional: oportunizar encontros e diálogos entre os arteterapeutas e promover a Arteterapia junto ao público.’

Uma questão importante que precisou ser enfrentada nessa gestão foi a formação e atendimento online. AAATERGS trabalhou arduamente junto a outras associações filiadas à UBAAT, conversando também com coordenadores de cursos e alunos para encontrar formas de adequar a Arteterapia ao virtual sem perder sua essência e seus princípios. Depois de amplo debate foram estabelecidas diretrizes, que estão em permanente avaliação, recebendo ajustes necessários.

Considerando os avanços significativos no campo da formação e profissionalização dos arteterapeutas, Denise avalia que o Projeto de Lei em fase de aprovação pode representar o amparo necessário para uma regulação eficaz:

‘Temos diretrizes que são as resoluções 001 e 002/2013, que estabelecem critérios fundamentais à formação do arteterapeuta. Alguns critérios foram adicionados nesses três anos da pandemia para regulamentar tanto os atendimentos quanto o ensino remoto. Acredito que a aprovação do Projeto de Lei será o ponto de virada, pois poderemos estar presentes em instituições e ainda regular os cursos que não seguem os critérios do nosso CBO 2263-10 e os critérios da UBAAT que fazem parte do PL 3416/2015. Muitas vezes esses cursos oferecem EAD e nem tem professores arteterapeutas no corpo docente, por exemplo.’

A AATERGS tem o maior número de associados estudantes nessa gestão, são 16 nessa categoria e 168 sócios. Em termos gerais, a participação ainda é pequena. A maior realização no período é a ação conjunta com a UBAAT, com viagens a Brasília, reuniões virtuais com deputados e assessores, um grande trabalho nas redes sociais sensibilizando a comunidade para participar da conquista que significa a regulamentação legal da profissão do arteterapeuta. Fez parte desse movimento a compilação dos trabalhos científicos dos arteterapeutas gaúchos, realizado pela segunda vice-presidente Tânia Rosseto.

‘Considero um grande desafio tornar a arteterapia reconhecida e acessível à população. (...) Estamos lidando com a saúde mental das pessoas. Um atendimento realizado sem o aporte teórico de um profissional poderá acarretar prejuízo para o cliente e ainda manchar o nome da arteterapia.’

A presente publicação, dispondo de informações para ampliar conhecimento sobre o campo da Arteterapia, foi tornada concreta pela determinação de Denise e sua diretoria, buscando esclarecer e estimular que órgãos públicos (incluindo a rede pública de saúde – SUS) e empresas contratem arteterapeutas habilitados de acordo com as resoluções da UBAAT, conforme recomenda a AATERGS.

A expectativa é que especializações EAD, por vídeo aula ou apostilas, que não oferecem a experiência vivenciada de modo presencial, tão importante no processo arteterapêutico – que muitas vezes sequer possuem arteterapeutas no quadro de professores e não seguem os critérios estabelecidos pela UBAAT – se adequem ou deixem de existir. Estamos lidando com a saúde mental da população, por isso essa é uma questão de extrema relevância.

Nominata das gestões da AATERGS

Seguem abaixo os cargos, nomes e respectivas apresentações dos responsáveis de todas as gestões da AATERGS de 2003 a 2023.

Aatergs 2003-2005

- Presidente
Angélica Shigihara de Lima
Professora e Arteterapeuta
- 1º vice-presidente
Elisa Averbuh Tesseler
Professora e Arteterapeuta
- 2º vice-presidente
Barbara Gehrke Rohde
Empresária e Arteterapeuta
- 1ª secretária
Laura Barros de Souza
Psicóloga e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Iara Maria Cabrera Barbosa
Arte-educadora e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Laura Kerber
Arte-educadora e Arteterapeuta
- 2ª tesoureira
Maria da Paz Ceppas de Carvalho Peixoto

Psicóloga e Arteterapeuta

- Conselho fiscal:
Regina Tischter Heinen
Professora, Psicóloga e Arteterapeuta
e Moacir Chotguis
Arte-educador e Arteterapeuta

Aatergs 2005-2007

- Presidente
Angélica Shigihara de Lima
Professora e Arteterapeuta
- 1º vice-presidente
Barbara Gehrke Rohde
Empresária e Arteterapeuta
- 2º vice-presidente
Maria da Paz Ceppas de Carvalho Peixoto
Psicóloga e Arteterapeuta
- 1ª secretária
Ivette Natália Volkmann Custódio
Socióloga e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Elisa Averbuh Tesseler
Professora e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Laura Barros de Souza
Psicóloga e Arteterapeuta
- 2ª tesoureira
Corina Post
Psicóloga e Arteterapeuta
- Conselho fiscal:
Laura Kerber
Arte-educadora e Arteterapeuta
e Kira Burro
Arte-educadora, Artista Plástica e Arteterapeuta

Aatergs 2007-2009

- Presidente
Angélica Shigihara de Lima
Professora e Arteterapeuta
- 1º vice-presidente
Barbara Gehrke Rohde
Empresária e Arteterapeuta
- 2º vice-presidente
Elisa Averbuh Tesseler
Professora e Arteterapeuta
- 1ª secretária
Eliane Bruél dos Santos
Artista Plástica e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Corina Post
Psicóloga e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Maria Helena Piccinini
Artista Plástica e Arteterapeuta
- 2ª tesoureira
Heloisa
Publicitária e Arteterapeuta
- Conselho fiscal:
Laura Kerber
Arte-educadora e Arteterapeuta
e Andréa Cristina Baum Schneck
Arte-educadora, Psicopedagoga e Arteterapeuta

Aatergs 2013-2015

- Presidente
Tânia Mara Mattiello Rossetto
Professora de Arte, Artista Plástica e Arteterapeuta
- 1º vice-presidente
Angélica Shigihara de Lima
Professora e Arteterapeuta
- 2º vice-presidente
Cátia Usevicius Maia da Silva

Psicopedagoga, Professora de Artes e Arteterapeuta

- 1ª secretária
Daiane Silva Morschheiser Biasibetti
Professora e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Renata Pimenta Dominguez
Psicóloga e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Maria Helena Piccinini
Artista Plástica e Arteterapeuta
- 2ª tesoureira
Magda Fátima Grisa Cunha
Pedagoga, Gerontóloga e Arteterapeuta
- Conselho fiscal:
Marilice Costi
Arquiteta, Escritora e Arteterapeuta
e Bárbara Gehrke Rohde
Psicóloga e Arteterapeuta

Aatergs 2015-2017

- Presidente
Angélica Shigihara de Lima
Professora de Arte, Artista Plástica e Arteterapeuta
- 1º vice-presidente
Cátia Usevicius Maia da Silva
Professora, Artista Plástica, Mosaicista e Arteterapeuta
- 2º vice-presidente
Maria Helena Piccinini
Ciências Contábeis, Artista Plástica e Arteterapeuta
- 1ª secretária
Claudete Lamb Regla
Pedagoga, Psicopedagoga e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Lúcia Carvalho
Lic. Ciências Sociais, Psicóloga e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Léa Ainhoren
Bel. Ciências Jurídicas e Sociais. Advogada e Arteterapeuta

- 2ª tesoureira
Patrícia Bohrer
Bel. Artes Plásticas e Arteterapeuta
- Conselho Fiscal:
Carine Jardim
Artista Visual, Bel. em Escultura e Arteterapeuta
e Deisi Macedo dos Santos
Professora de Artes e Arteterapeuta

Aatergs 2017-2019

- Presidente
Angélica Shigihara de Lima
Artista Plástica, Professora e Arteterapeuta
- 1º vice-presidente
Catia Usevicius Maia
Artista Plástica, Arteterapeuta e Arte educadora,
- 2º vice-presidente
Daniela de Moraes Meine
Professora e Arteterapeuta,
- 1ª secretária
Claudete Lamb Regla
Psicopedagoga e Arteterapeuta.
- 2ª secretária
Lea Ainhoren
Advogada e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Emília Platcheck Gontow
Artista Plástica e Arteterapeuta
- 2ª tesoureira
Ana Alaíde Costalunga Freitas
Artesã, Cirurgiã Dentista e Arteterapeuta.
- Conselho Fiscal:
Nicole Falavigna
Psicóloga e Arteterapeuta
e Deisi Macedo dos Santos
Arte-educadora, e Arteterapeuta.

Aatergs 2019-2021

- Presidente
Catia Usevicius Maia
Artista Plástica, Arteterapeuta e Arte-educadora
- 1º vice-presidente
Maria da Graça Guimarães Barbosa
Professora, Artista Plástica e Arteterapeuta
- 2º vice-presidente
Denise Schinestzky
Artista Plástica e Arteterapeuta
- 1ª secretária
Claudete Lamb Regla
Psicopedagoga e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Glaci Borges de Assis
Relações Públicas, Arteterapeuta e Mosaicista
- 1ª tesoureira
Maria Helena Piccinini
Artista Plástica e Arteterapeuta
- 2ª tesoureira
Deise Macedo dos Santos
Arte-educadora e Arteterapeuta
- Conselho Fiscal:
Claudia Regina da Silva
Professora, Jornalista e Arteterapeuta
e Lea Ainhoren
Advogada e Arteterapeuta

Aatergs 2021-2023

- Presidente
Denise Schinestzky
Arte-educadora e Arteterapeuta
- 1ª vice-presidente
Telma Nogueira Oliveira
Professora de Artes e Arteterapeuta
- 2ª vice-presidente
Tânia Mara Mattiello Rossetto

Arte-educadora, Artista plástica e Arteterapeuta

- 1ª secretária
Elisana Cristina da Costa Sanchez
Pedagoga e Arteterapeuta
- 2ª secretária
Lisiane Ayala Sonego
Professora de Artes e Arteterapeuta
- 1ª tesoureira
Margarete Alessandrini
Bacharel em Serviço Social e Arteterapeuta
- 2º tesoureiro
Paulo Roberto Alonso
Designer, Escritor, Ilustrador e Arteterapeuta
- Conselho Fiscal:
Beatriz Regina Scomazzon
Designer e Arteterapeuta
e Claudete Lamb Regla
Psicopedagoga e Arteterapeuta



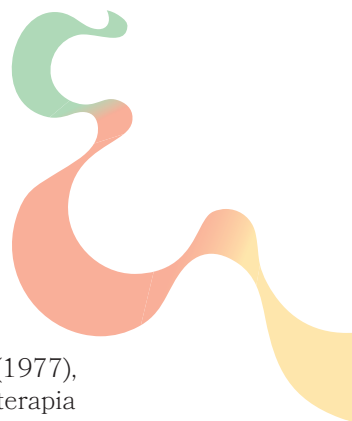
Mara E. Weinreb

AATERGS 147/0717

Graduação em Psicologia pela PUCRS (1977), CRP: 07/1014. Especialização em Logoterapia pela PUCRS(1989), com estudo sobre Criatividade e o sentido de vida. Mestrado em História, Teoria e Crítica da Arte pelo Instituto de Artes- PPGAVI/UFRGS (2003) e doutorado também em História, Teoria e Crítica da Arte pelo Instituto de Artes- PPGAVI/UFRGS (2009). Arteterapeuta- AATERGS:147/0717. Docente e Coordenadora do Curso de especialização em Arteterapia da Universidade Feevale, até janeiro de 2020. Autora de artigos e do livro: Arte e loucura-Vidas silenciosas e marginais, editado pela Panorama crítico, com apoio da Fumproarte, em 2012.

marawew@gmail.com

[@mara_weinreb_terapeuta](#)





Arteterapia: interações, descobertas e transformações

Mara E. Weinreb

Introdução

A linguagem humana é um aspecto fundamental na constituição da nossa identidade e da nossa subjetividade. Segundo Geraldi (2011), em seu artigo “Linguagem e identidade”, nascemos sob o domínio de uma língua corpórea na relação com os outros, e talvez a nossa primeira língua seja aquela que construímos conjuntamente com os adultos que nos são mais próximos, pois “Nossa verdadeira primeira língua materna:[...]construímos com mãe, babá, irmão mais velho etc.” (GERALDI, 2011, p.14), mas vamos nos afastando desta forma de comunicação e até a esquecemos, na medida que uma linguagem mais ampla e mais racional nos invade, e passa a nos constituir como seres humanos.

A aprendizagem da palavra compartilhada, seus sons e suas entonações são processos de internalização da língua dos outros que se formam como a nossa linguagem. Esta linguagem muitas vezes se expressa por meio de uma concretude sensorial, criativa e artística, Bezerra (2001) traz o conceito de que a experiência da linguagem pode ser alcançada e adquirida também pelo meio não verbal, possibilitando desse modo que as experiências sensoriais,

afetações diretas ao corpo tenham um importante lugar no processo de construção e transformação da experiência subjetiva. O que é posto em questão é a possibilidade de existirem outras formas de apreensão do real e suas modalidades de ser, por meio de processos que intervêm de nosso inconsciente, refletindo em nosso corpo, através de gestos e de ações criativas.

A linguagem criativa não verbal pode ser mais eficiente, pelo fato de algumas pessoas terem dificuldades em se expressar de uma outra forma. Ressaltamos que, tanto no âmbito terapêutico como na melhoria da qualidade de vida, a utilização dos recursos expressivos é um campo aberto para a prática com populações diversas de diferentes faixas etárias.

Sabemos o quanto a expressão de uma linguagem não verbal pode interagir de forma ampla, permitindo ações inclusivas, através de uma expressão criativa, um valor em si, remetendo a uma necessidade vital.

Durante a atividade artística, as representações interiores, sentimentos e experiências ganham concretude, e os recursos artísticos são reconhecidos como de grande valia, para as concepções modernas na educação e no atendimento em saúde, segundo Allessandrini (2000), estas estão incluídas tanto em escolas, hospitais, instituições clínicas ou mesmo empresariais. O homem realiza sua natureza criativa dentro de um contexto cultural, portanto criar deve ser entendido em um sentido abrangente pertencente ao modo de viver do humano em ver, sentir, entender e atuar na realidade que o circunda. Para Spinoza (SPINOZA apud DELEUZE, 2010) é o corpo físico que traduz a alma, entre o pensamento e os afetos não há estados e categorias que privilegiam um mais que o outro, todos coincidem. Toda coisa é corpo e ideia, simultaneamente. Desse modo, experiências sensoriais ou estéticas, afetações diretas ao corpo podem ter um importante lugar no processo de reconstrução ou transformação da experiência subjetiva.

A linguagem expressiva como recurso terapêutico traz a necessidade do especialista arteterapeuta, que poderá atuar em diversas áreas da sociedade, utilizando especialmente da produção criativa do sujeito, através de materiais artísticos que evocam a linguagem não verbal.

As relações entre as emoções e a criatividade podem ser exploradas por diversos meios de expressão artística, com a finalidade terapêutica, pois:

A arte é uma forma de expressão do ser humano e como tal, uma forma de comunicação e de linguagem simbólica, é um produto da intuição e da observação, do inconsciente e do consciente, da emoção e do conhecimento, do talento e da técnica, da criatividade. Acolher e utilizar as modalidades de expressões artísticas dentro de um processo psicoterápico, vem enriquecer a possibilidade de um conhecimento profundo e conseqüentemente uma maior compreensão da pessoa a ser auxiliada. (ANDRADE, 2000, prefácio)

Imaginação/ Criatividade

Para Bachelard (1990), somos seres entreabertos que buscam a comunicação entre as realidades internas e externas, e a imaginação é muitas vezes um caminho para este trânsito, pois imaginar é configurar imagens, que por sua vez se encarregam de expressar uma linguagem muitas vezes menosprezada e esquecida, que tantas vezes recorreremos, carregada de afeto e emoções, plena de inúmeras possibilidades, e que revela nossas verdades e nosso segredos.

Ainda conforme o autor, a imaginação é a própria existência, já que necessitamos do imaginário para viver o real. Toda imagem é o resultado de uma intimidade que tanto as cores como as formas podem nos dar sensações, com raízes no inconsciente. Conforme Bachelard (1990), ao entrarmos em contato com materiais expressivos, a nossa

imaginação encontra um caminho para o encontro entre o desejo da matéria e os nossos, que assim se tornam visíveis.

A imaginação atuando no processo criativo é necessária para o entendimento da Arteterapia, pois a criatividade se faz presente na criança, desde quando ela se mostra curiosa, fazendo experimentos visuais com o som, o gosto, o tato e os cheiros, ao experimentar o mundo. A vivência dos cinco sentidos alimenta a criatividade e os processos cognitivos. A criatividade é um tema muito extenso, que não esgotaremos neste momento, buscamos trazer aspectos de sua contribuição para o entendimento da Arteterapia. Criar auxilia na organização do pensar, do sentir e do fazer, e nos descobriremos como indivíduos únicos.

Arteterapia

A atividade artística como instrumento de intervenção terapêutica, para a promoção da saúde e para a qualidade de vida, abrange hoje as suas mais diversas linguagens, como: a visual, a sonora, a literária, a dramática e a corporal, a partir de técnicas artísticas como: desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança, como expressões da subjetividade humana.

A Arteterapia permite ao indivíduo ou a um grupo acessar conteúdos emocionais e uma grande diversidade de questões, desde traumas, conflitos emocionais, relações em grupo, expectativas profissionais, gênero, sexualidade e identidade, dentre outros. Trata-se de uma abordagem que enriquece a tradicional abordagem da via verbal, trabalhando aspectos subjetivos, através da linguagem artística. A mediação da arte na comunicação apresenta algumas vantagens, dentre as quais a expressão mais direta do universo emocional, pois não passa pelo crivo da racionalização. Além disso, o sujeito ao entrar em contato com suas questões por um viés criativo, promove a formação de um conteúdo e também a

configuração de novos sentidos.

A Arteterapia se utiliza da atividade artística como instrumento de intervenção terapêutica, tendo em vista suas diferentes aplicações, como: prevenção, tratamento e reabilitação voltados à saúde mental, mas também contribuindo para a área da educação, como meio de desenvolvimento pedagógico, através da criatividade em contextos individuais ou grupais, além do contexto clínico.

O que se quer mostrar aqui é que expressão criativa é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao indivíduo ou a um grupo acessar conteúdos emocionais, muitas vezes ocultos e os ressignificar, pois somos seres usufruidores da arte, não somos neutros, sentimos e percebemos através da contemplação um objeto artístico, e este impacto pode produzir reflexões tanto no âmbito pessoal, como social. (PONTY,2000).

Embora possa ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais teóricos, a Arteterapia se define em todos eles por um ponto em comum: o uso de materiais artísticos como um meio para a expressão da subjetividade. A noção central é de que a linguagem artística reflete nossas experiências interiores, proporcionando uma ampliação da consciência acerca dos fenômenos subjetivos. (CIORNAI, 1995).

Já Andrade (2000),define que a expressividade se torna um instrumento de trabalho quando combinada a um objetivo educacional ou terapêutico, apresentando pressupostos fundamentais da Arteterapia:

A expressão “artística” revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo. Este ato revela um suposto sentido e, cada teoria e método em arte terapia e terapia expressiva se apodera deste ato diferentemente. Por intermédio desse “fazer arte”, expressar-se, o terapeuta pode estabelecer um contato com o cliente possibilitando a este último o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e

o desenvolvimento geral da personalidade. (ANDRADE, 2000, p.18).

Nise da Silveira (1999), contemporânea de Osório César, trouxe importantes contribuições para o tratamento das doenças mentais, através das oficinas de arte, suas preferidas, tanto para sua pesquisa sobre a esquizofrenia, quanto pela oportunidade de propiciar outro tipo de tratamento aos doentes mentais. Muitos usuários dos seus ateliês, mesmo sem nunca antes terem pintado ou tido algum contato prévio com materiais artísticos, apresentavam intensa exaltação em sua atividade imaginativa, como uma pulsão configuradora de imagens.

E na visão de Selma Ciornai (1995), o propósito fundamental da Arteterapia é resgatar a criatividade na vida, ou seja, contribuir para que o sujeito aprenda a “lidar criativamente com os limites que a vida lhe impõe” (1995, p.59), transformando-se assim em artista da própria vida, e formas e em outros sentidos, em um processo no qual, ao criar, o sujeito se recria na vida.

Oficinas de Arteterapia

A utilização de recursos artísticos como: pincéis, papéis, argila, cola, figuras, desenhos, recortes etc., não procura questões estéticas e o conteúdo pessoal implícito em cada criação e que é explicitado, ou não, no resultado final das atividades. O conhecimento do uso destes materiais é muito importante para o arteterapeuta, pois cada um tem propriedades que mobilizam emoções e sentimentos de maneiras diferentes, favorecendo a integração de conteúdos emocionais.

Modelagem- Descobrindo sensações

As ações com a argila remetem a vivências alquímicas, de transmutação das substâncias, do maleável ao rígido. Ações que agregam, separam, cortam, e reintegram, diferentes pesos e texturas. Também o ocar, o costurar, e o cicatrizar ocorrem durante o processo do manuseio com a argila, bem como voltar ao início, isto é, a perda da forma, para recomençar novamente. A argila impõe seu próprio ritmo e gestos que exigem uma progressão contínua de flexibilidade e maleabilidade.

Desenho e pintura- Transformando suas emoções

As ações com desenho e tinta podem propiciar improvisação e transformação, através das cores e formas. Pintar em papel e tecido levam a descobertas das relações entre a forma e a emoção. As cores podem surgir aguadas e pastosas, cada qual com uma mensagem a ser desvelada, e entre o pintar e o desenhar aspectos psicológicos diferentes surgem, aliados ao gesto, ao olhar e aos códigos subjetivos e pessoais.

Tecendo e costurando - Espaços de convivência

Já as atividades com fios e tecituras trazem as tramas das relações, revelando os espaços possíveis, experimentando cruzamento, o fazer nós, trançar, intercalar, torcer, e unir pontas soltas, enfim espaços ligados, interditados, apertados e soltos, fiando e desfiando caminhos que seguem um curso quase próprio.

Desenvolvemos atividades arteterapêuticas por aproximadamente 20 anos, no nosso ateliê arteterapêutico, como também nos cursos de especialização em Arteterapia, de extensão universitária e em vivências imersivas. Foram

ações que envolveram atividades como: pintura, desenho, modelagem, instalações e colagem, na forma individual e grupal, trazendo a outra linguagem, a não verbal, que apresentaremos a seguir:



Trama de fios para confecção de um painel coletivo com alunos do curso de Arteterapia (Acervo pessoal, 2008)



Pintura e desenho com mulheres em situação de vulnerabilidade social, CRM de Novo Hamburgo (Acervo pessoal, 2018)

Conclusões

A Arteterapia, através da utilização de diferentes formas expressivas, permite que o sujeito expresse através de símbolos seus conflitos, seus afetos e suas potencialidades. Sabemos que a criatividade é inerente ao ser humano e que a sua realização é uma de suas necessidades primordiais. O homem não cria porque quer, mas porque precisa. O ato criador é gerado pelo relacionar, formar, ordenar, configurar e significar (OSTROWER, 2000).

A criatividade, aliada do arteterapeuta, está no potencial

de cada ser humano, seja qual for o campo de atuação, pois envolve vivências do sensível pelo uso de várias formas de linguagens artísticas, com finalidades terapêuticas integrativas, tanto individual como grupal. A Arteterapia como terapêutica tem permitido um contato mais próximo com a possibilidade de manifestações de histórias, muitas vezes esquecidas, outras vezes difíceis de serem pronunciadas, mas que encontram no lápis, na tinta, na argila, nos tecidos ou nos fios, uma visibilidade renovadora e transformadora de novos afetos e de novos sentidos, de forma que possam contar novas trajetórias, novas escolhas, e novas relações.

Referências bibliográficas

- ALLESSANDRINI, Cristina, D. **Oficina Criativa e Psicopedagogia**. São Paulo, Casa do psicólogo. 1996.
- ANDRADE, Liomar Quinto. **Terapias Expressivas**. São Paulo, Vector. 2000.
- BACHELARD, Gaston. **A Terra e os devaneios do repouso**. São Paulo, Martins Fontes. 1990.
- BEZERRA, Benilton (Org.) **Corpo, afeto e linguagem, a questão do sentido hoje**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- CIORNAI, S. (1995). **Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida**. In M. M. M. J. Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia* (pp. 59-63). Campinas: Editorial Psy II.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e identidade** in: *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 49, p. 9-19, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer1.fapa.com.br/index.php/arquivos>>
- OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação** (18a ed.). Petrópolis: Vozes, 2004.
- PONTY, Merleau. **O Visível e o Invisível**. São Paulo, Perspectiva. 2012.
- SILVEIRA, N. **O Mundo das Imagens**. São Paulo. Ática, 1999.



Cátia Usevicius Maia

AATERGS 073/0908

Artista plástica, arteducadora e arteterapeuta .
Fundadora e diretora da Mosaika escola de arte,
desenvolve projetos, oficinas e vivências para
pessoas de todas as idades.

Os projetos coletivos em mosaico, com o
tema Jardins da Mosaika percorrem diversas
exposições e localidades em todo o mundo .
Com graduação em artes plásticas, iniciou sua
formação ainda menina , em pintura, desenho e
gravura em metal.

Bacharel em desenho, estudou cerâmica e
mosaico com grandes mestres.

Atualmente realiza oficinas e atelier arte
terapêutico nos diversos espaços que sua
escola oferece.

Catia@mosaikaescoladearte.com.br

@catiausevicius

@mosaikaescoladeartebrasil





Anotações sobre atelier arteterapêutico

Cátia Usevicius Maia

Sou arteterapeuta, artista plástica e arte educadora, e percebo cada vez mais a importância do domínio nas técnicas e ferramentas que eu for utilizar com meus clientes, bem como o conhecimento da história da arte.

Entendo o atelier terapêutico simbolicamente como uma paleta de cores que desenvolvi, ou um repertório de músicas que aprendi. Ao tocar em alguns instrumentos e ao interagir com os clientes, identificando potenciais e necessidades, interajo estabelecendo o vínculo e promovendo o diálogo com a sutileza que os meios artísticos proporcionam. Aliados aos inúmeros conhecimentos necessários do fazer clínico, das psicopatologias, do desenvolvimento humano, entre outros, cria-se um ambiente preparado para ser atelier e ser terapêutico ao mesmo tempo.

Sempre foi um princípio para mim ter materiais de qualidade, em boa quantidade e diversidade em meu atelier e escola. Bons lápis e pincéis, tintas e ferramentas de qualidade são parte de um vasto inventário dos materiais apropriados para o arteterapeuta. O encantamento e o sentir-se especial começa ao entrar no atelier. Para muitos clientes será uma novidade trabalhar com determinados materiais, para outros uma retomada, o importante é ter uma estação de trabalho preparada e rica em opções a cada sessão e sua continuidade.

Em minha escola e espaços de atelier, pretende-se produzir

uma acolhida na entrada, um corredor, que inicia com uma galeria de obras em mosaico, predominantemente, em pintura, cerâmica e escultura que se misturam ao jardim e árvores e produzem uma passagem de um espaço para outro espaço. A conexão começa na entrada. Os olhos são brindados com essa atmosfera.

Um ambiente agradável e atraente, limpo, iluminado e organizado é essencial. Uma biblioteca com livros de arte e história da arte, que possam ser manuseados e utilizados é importante. Projeção de imagens, som e música devem ser possíveis. Espaço para trabalhar no chão se necessário, ao ar livre, diferentes modulações do espaço (mesas e cadeiras) são desejáveis.

É comum ouvir na fala dos clientes que a Arteterapia é leve e potente. A comunicação e as conexões se estabelecem de forma fluida e eficaz. O paradoxo de uma terapia que acontece e só é perceptível quando o cliente se percebe no ambiente, no processo e ao produzir seu experimento, como que de repente, ao finalizá-lo, vem a descoberta, o enlevo e a consciência.

A comunicação no atelier arteterapêutico é exercida através do fazer artístico, sem a preocupação do produto final, focando no processo a priori. Exceção dada quando o atendimento é focado para um profissional da área artística cujo objetivo seja seu processo criativo e produtivo. Devo destacar a condição para que a comunicação e a

leitura visual e expressiva efetivamente aconteçam: o profissional deve saber, deve ter passado pela experiência de utilizar a ferramenta ou o material determinado para a vivência que está sendo proposta. De certa forma o arteterapeuta precisa conhecer os desdobramentos possíveis que o material oferece e suas aplicações.

Os materiais e os instrumentos e ferramentas tem princípios de utilização e formas específicas de manuseio que podem ser aprofundadas através da experimentação, da análise, do treinamento, e também no conhecimento de seu uso nos movimentos artísticos ao longo da história. As ferramentas, os materiais e o mobiliário do atelier, devem ser adaptados ao uso no caso de clientes que necessitem de arte-reabilitação, uma

especialidade da arteterapia.

Nas experiências artísticas ao longo da história da arte é possível encontrar artistas plásticos buscando a excelência no uso, na criação e na pesquisa de materiais e não é incomum também quando um material é utilizado de forma totalmente nova e inusitada, criando assim uma autoria na transformação de um material e em sua forma de uso. Expressivamente, a inovação na utilização de um material pode promover uma ruptura na história da arte e preconizar um novo período, uma nova forma de pensar.

Um exemplo referente ao uso de materiais é o das tintas. Inicialmente os pintores faziam seus próprios pigmentos misturados com óleo e conforme o período artístico, também variava a paleta de cores. Com o advento da arte moderna e a pintura sendo realizada ao ar livre, surgiu uma nova percepção da luz e das cores. Foram criadas tonalidades e misturas, novos solventes que alteraram o tempo de secagem de uma pintura e os pincéis começaram a ser utilizados de outras formas bem como as espátulas que eram utilizadas inicialmente apenas para misturar as tintas.

Outro exemplo referente à ruptura e à inovação na expressão são as mudanças formais da pintura cubista, por exemplo, onde materiais utilizados inicialmente para esboço, papéis finos, jornais e revistas são promovidos ao protagonismo em telas e estruturas de objetos artísticos.

Na arte contemporânea, objetos industrializados e sucatas são promovidos à condição de objetos de arte com a produção do conceito e da ideia, do simbólico, em instalações e intervenções artísticas. Nós, arteterapeutas, não interpretamos o trabalho de nossos clientes, porém precisamos conhecer o alfabetismo visual e proporcionarmos sua leitura. Utilizamos com frequência o desenho como meio de comunicação e expressão de sentimentos, principalmente nos casos de arte-reabilitação (Francisquetti, 2016).

É um processo encantador quando vemos o cliente acessar, pela linguagem expressiva, pelo uso e plasticidade dos materiais, a sua fala interior e trazê-la na concretude dos materiais, pela decodificação, pela sua leitura visual, o que está posto. Para poder

falar de algo é preciso sentir e conhecer. O sentido da experiência estética: a estesia, o sabor sensível, segundo Duarte Junior (2001). Para compreender melhor o sentido da palavra estesia, podemos imaginar o seu contrário. Estar anestesiado diante de uma bela paisagem, por exemplo, não dando espaço à fruição estética do momento, não perceber e não apreciar o belo.

A história da arte, o fazer artístico, a leitura visual e a interpretação de obras de arte são destacadas na década de 80 pela arte educadora e pesquisadora Ana Mae Barbosa. Sua metodologia triangular alavancou o ensino e a compreensão da arte de forma didática, revolucionando o ensino de artes. Fayga Ostrower é outra autora que em seu livro *Universos da Arte* (1987), conta sua experiência ao criar um curso de arte para operários de uma fábrica, cujo proprietário convidou-a. O resultado é fascinante. Fayga em linguagem muito acessível e clara, descortina de forma profunda, mostrando em obras de arte, o fazer artístico e a sua leitura visual, destacando seus elementos formais visuais e a percepção humana frente a eles.

Precisamos conhecer também a especificidade das diferentes linguagens: gráfica, pictórica, escultórica, multimídia, entre outras, para proporcionarmos o máximo de interação, aprender a observá-las e nelas abrir possibilidades significativas no atelier arteterapêutico. Nas linguagens gráfica, pictórica e escultórica, destaco a autora Donis A. Dondis (1997) em seu livro *Sintaxe da Linguagem Visual*, um manual ilustrado para todo aquele que quer conhecer o alfabetismo visual, estilos, técnicas, síntese e função das artes visuais.

Ao conhecer estas especificidades eu posso delinear com maior amplitude o universo macro e ao mesmo tempo com maior profundidade e detalhamento o universo micro dos aspectos artísticos: seu fazer, sua leitura, compreensão e sua interpretação. Até aqui estou falando especificamente da base do conhecimento artístico para o exercício da função de arteterapeuta. O continuum de terapias expressivas, de S. Kagin e V. Lüsebrink, baseado em modelos existentes de desenvolvimento humano e processamento de informações, nos aparelha para identificarmos e prepararmos

o meio e as atividades mais apropriadas tendo em vista os objetivos arteterapêuticos. Seus quatro níveis são: SENSÓRIO –MOTOR, PERCEPTUAL-AFETIVO, COGNITIVO-SIMBÓLICO e CRIATIVO.

Podemos analisar pontos importantes: sejam eles, pontos fortes ou fracos e os níveis de funcionamento cognitivo e criativo do cliente e sua condição de saúde mental. Assim sendo, com a base do conhecimento da arte posso preparar as vivências e experimentos para e com meus clientes, de forma criativa, original e exclusiva.

Profissionalmente iniciei minha carreira como artista plástica e como arteeducadora. Ao lidar com os problemas de aprendizagem dos alunos, regendo classes, especializei-me em Psicopedagogia. No decorrer dos primeiros atendimentos, principalmente entre adolescentes, alguns com síndromes e dificuldades diversas, percebi a minha forma de comunicação mais efetiva: a arte. Aqui evidenciou-se ainda mais para mim a clareza de buscar mais conhecimentos da arte em terapia e desenvolvimento, e fui estudar Arteterapia Abordagem Gestáltica no INFAPA.

Em 2004 abri minha escola de arte e conciliava a arte educação e a clínica psicopedagógica e em 2008 priorizei minha escola e a arteterapia. Abriu-se outra etapa de vida e universo de arte. Em 2011 fui fazer meu primeiro curso de mosaico na Itália e desde lá não parei mais de aprofundar meus estudos nessa arte. Desde 2016, todos os anos tenho participado de cursos, trabalhos coletivos, simpósios, palestras e exposições no Brasil e no exterior, principalmente na Itália. Ao participar desses eventos tenho falado sobre minha formação, destacando a importância da Arteterapia, a seriedade que a profissão merece, ao detalhar a formação necessária para o seu exercício e seu campo de atuação.

De uma forma muito particular aprofundei muito a compreensão do mosaico como arte, como processo de criação, suas características únicas e a sua relação com o trabalho arteterapêutico. Acredito em um trabalho personalizado e tenho observado na AATERGS - Associação de Arteterapia do Rio Grande do Sul, a riqueza dos profissionais que se constituem

arteterapeutas. Diversos pontos de partida. Cada um tecendo o seu caminho, encontrando com inteireza sua melhor forma de atuação e expressão, buscando complementar o que falta nessa formação múltipla e em seu repertório pessoal, podendo proporcionar assim efetivamente um atelier arteterapêutico com qualidade.

Ao compartilhar minha experiência, espero ajudar a constituir mais uma bela profissão: Ser arteterapeuta.



Jardins da Mosaika escola de arte , fundada em 2004.

Referências bibliográficas

CIORNAI, Selma (org). **Percursos em Arteterapia. Arteterapia e educação, arteterapia e saúde.** São Paulo: Summus, 2005.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual.** 2 ed. SP: Martins Fontes,1997.

DUARTE Jr, João Francisco. **O sentido dos sentidos- a educação do sensível.** Curitiba: Criar edições, 2003.

FRANCISQUETTI, Ana Alice. (org) **Arte-reabilitação: Um caminho inovador na área da Arteterapia.** RJ:Wak editora, 2016.

MARTINS, Miriam Celeste et alii.- **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo.-** São Paulo: FTD, 2010.

OSTROWER, Fayga Perla. **Universos da Arte.** 4 ed. RJ:Campus,1987.

SONHEIM, Carla. **Laboratório de Desenho- 52 exercícios criativos para desenhar com diversão.** Tradução de Sinésio Santos de Oliveira. Ambientes e Costumes Ltda. São Paulo,2013.



Ivana Mariani Michelin

AATERGS 032/0505

Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística (artes plásticas); Pós-graduada em Arteterapia, FEEVALE (2005); Pós-graduada em Psicologia Analítica UNIPAZ-PUC, Goiás (2023). Mestre em Ciências Aplicadas à Atividade Física e Desporte (especificidade: Exercício e Saúde) pela Universidade de Córdoba -UCO, Espanha(2009). Coordenadora Arteterapeuta e professora do curso de Especialização em Arteterapia: Processos Simbólicos na Universidade de Caxias do Sul- UCS; Proprietária e Arteterapeuta- Ivana Centro de Artes e Arteterapia; Sócia da Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul (AATERGS).

imarianimichelon@gmail.com.br
@ivana_arteterapia_artes





Arteterapia e Psicologia Analítica

Ivana Mariani Michelon

A Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e a Arteterapia se entrelaçam no processo terapêutico, pois o indivíduo no ato de criar imagens simbólicas revela o seu estado emocional. Essas imagens emergem do inconsciente, onde são canalizadas e exteriorizadas nas técnicas expressivas e podem ser acolhidas, recebidas e compreendidas com auxílio de um facilitador, o arteterapeuta.

A Arteterapia é um processo terapêutico que se vale do uso das linguagens expressivas, por meio dos materiais artísticos que configuram em uma produção simbólica, tornando visíveis as imagens do inconsciente. No ato de criar surgem os símbolos, que estão carregados de energia psíquica. A compreensão dessas imagens simbólicas possibilita o confronto com o inconsciente e a tomada de consciência de seus conteúdos, integrando a expressão artística e a linguagem verbal no *setting* terapêutico, assim, uma auxiliando, esclarecendo e enriquecendo a outra.

O ser humano tem a capacidade de criar imagens e fantasias que são representadas em manifestações criativas. Essas vivências e experiências se manifestam na pintura, na escultura, na literatura, na música e no desenho, tornando a realidade vivida em símbolo.

Fazemos constante apelo às atividades que envolvam especialmente a função criadora mais ou menos adormecida dentro de todo indivíduo. A criatividade é o

catalizador por excelência das aproximações de opostos. Por seu intermédio, sensações, emoções, pensamentos são levados a reconhecer-se, a associar-se. (SILVEIRA, 2001, p. 21).

A capacidade de imaginar e criar do ser humano sempre destacou o poder modificador que carrega consigo e como o desenvolvimento dos processos criativos leva a experimentar certos efeitos modificadores na psique. Dessa forma, a psique criativa impulsiona chegar a diferentes níveis de consciência, estabelecendo aprendizados no acesso dos conteúdos das imagens que emergem do inconsciente. Todo processo criador mobiliza intensas energias, que trazem consigo poderosas forças. Essa experiência evoca emoções que podem levar ao sofrimento, espanto ou prazer. Os momentos do processo criativo nos conectam com nossa realidade mais profunda, penetramos num universo cujas forças nos excedem e, às vezes, nos atravessam e nos desafiam.

Para Jung (2021, § 122) a psique é um ato de criação contínuo, sendo que o impulso de criação pode atuar independentemente da vida psíquica, é uma função natural do homem e assim criam-se imagens, que são símbolos de energia psíquica. É no processo de criação que todos os aspectos da experiência do indivíduo se integram e se expressam, de maneira intuitiva, dando forma às imagens.

Jung (2021) salienta que o inconsciente é constituído de imagens provenientes do inconsciente coletivo, são imagens primárias que pertencem ao patrimônio comum da humanidade, os arquétipos. As imagens do inconsciente pessoal são vivências e experiências individuais que foram conscientes, mas logo reprimidas.

Essas imagens coletivas são símbolos que vão além do que o homem pode compreender e perceber por completo, ou seja, o homem não consegue entender o quanto de significado daquilo o toca e faz sentido. Existem aspectos do inconsciente que são os nossos sentidos e como eles reagem diante dos acontecimentos que são reais. Jung destacou que: “A criação de símbolos é a função mais importante do inconsciente”. (JUNG, 2019, p. 210). O símbolo

é uma imagem arquetípica.

Foi a partir do diálogo dos conteúdos do inconsciente e dos conteúdos do consciente que Jung desenvolveu o conceito da Função Transcendente, que resulta numa ampliação da consciência. Desta forma é a interação entre a formulação criativa e a compreensão simbólica (JUNG, 2019, p. 209).

O ato de criar favorece o surgimento de imagens significativas por meio da exploração dos diversos materiais expressivos, os quais são estímulos sensoriais que nos remetem às lembranças afetivas, que estão impregnadas de forte carga emocional, referentes às histórias, às experiências e aos sentimentos profundos.

Nesse sentido, a arteterapia na abordagem junguiana proporciona ao cliente a elaboração de seus conteúdos internos no processo terapêutico, sendo um processo investigativo da psique. A ação durante a criação expressiva promove restaurar o diálogo das funções e dos afetos ignorados, contidos e esquecidos no inconsciente, proporcionando ao cliente compreender as mensagens contidas no material simbólico produzido nas sessões de arteterapia.

No processo arteterapêutico o cliente experimenta diferentes materiais expressivos e ao unir seu universo psíquico produz algo significativo, contribuindo para o seu autoconhecimento.

Jung, na sua autoexperimentação, pode constatar que a expressão simbólica produzida contribuía para o melhor e mais profundo conhecimento da psique. Algo que era desconhecido transforma-se em algo que tem sentido e efeitos significativos.

Kast aborda sobre o poder da imagem onírica:

Ao lidar com as imagens oníricas, ou com qualquer outra imagem, percebemos que elas tanto testemunham sobre nós, como podem provocar transformações em nosso modo de viver o mundo e no modo de viver nós mesmos. Nessas imagens oníricas podemos reconhecer aspectos terapêuticos e diagnósticos inerentes a todas as imagens. (KAST, 1997, p. 29)

Todo processo expressivo-criativo mobiliza forças internas

para alcançar seu propósito, no sentido da compreensão de algo obscuro, proporcionando a reflexão da sua origem, desta forma, pode transformar o seu estado emocional.

A arteterapia tem a sua efetivação no processo terapêutico, no qual o cliente ao produzir imagens simbólicas – estas transitam no eixo Ego-Self, torna-as passíveis de amplificação em torno da imagem, trazendo a possibilidade de conhecer, compreender, estruturá-las e, assim, ressignificando e transformando os conteúdos internos.



Técnica expressiva com argila no processo arteterapêutico. Obra da cliente.
Título da obra; “ Quais são as personas que nos habitam? “

Referências bibliográficas

JUNG, C.G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. *O Livro Vermelho Liber Novus*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

_____. *O espírito na arte e na ciência*. OC vol. XV. Petrópolis. Editora Vozes, 2021.

KAST, V. *A imaginação como espaço de liberdade: diálogos de entre o ego e o inconsciente*. São Paulo: Loyola, 1997.

SILVEIRA, Nise. *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática, 2001.



Denise Schinetzky

AATERGS 142/0417

Bacharel em Artes Plásticas e Licenciatura em Educação Artística (UPF), Arteterapeuta Junguiana, Especialista em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem (PUC-RS), Formadora Credenciada de SoulCollage®, com Formação em Neuropsicologia da Arte, Arteterapia e Luto, Master em PNL e Reiki, Terapeuta Floral e Bioenergética. Atuou por 17 anos com Terapias Integrativas. Vice-presidente da AATERGS na gestão 2019-2021 e presidente na gestão 2021-2023. Docente e co-coordenadora da Formação em Arteterapia Junguiana (com apoio do IJRS). Atua com atendimentos individuais, grupos, vivências. Ceramista em renascimento.

deniseschinetzky@gmail.com
@deniseschinetzky





O Mandala Terapêutico como Cuidado da Alma

Denise Schinetzky

Como cores, linhas e formas compostas espontaneamente dentro de um círculo podem nos proporcionar um diálogo com nossa alma e a oportunidade de desenvolver um estado maior de integração em nosso ser interior?

Desde os primórdios da humanidade o homem vem criando imagens circulares. Nos surpreendemos com elas nas artes rupestres da pré-história. Apreciamos os yantras orientais, mandalas do budismo tibetano e chinês e as artes sacras de diversos povos, em decorações de templos e igrejas. Nos encantamos com os desenhos de nossas crianças e vemos que entre as primeiras formas a surgirem estão as circulares. Talvez seja o sol o mais representado entre todos, desde os primórdios aos dias de hoje, por sua presença constante em nossas vidas e pelo simbolismo arraigado no inconsciente coletivo de cada um de nós, nos conectando aos nossos primórdios.

O que faz o círculo tão especial? A Dra. M.-L. von Franz explica que o círculo (ou esfera) é um símbolo do self que expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos, incluindo o relacionamento entre homem e natureza. Em 1916 C.G. Jung inicia a desenhar mandalas, ainda que totalmente inconsciente do que viria a ser esse processo e do quanto contribuiria para o desenvolvimento de seu trabalho e formulação de suas teorias a respeito da psique humana. Entre junho e outubro de 1917,

enquanto prestava serviço militar, Jung passa a realizar uma série de 27 mandalas. Em meio ao caos da guerra, tinha a sensação de que esses desenhos eram fotografias de seu estado interno de cada dia e iam se modificando, enquanto seu próprio caos também se reorganizava.

“Pouco a pouco compreendi o que significa propriamente o mandala: ‘Formação - Transformação, eterna recriação da Eterna Mente’. O mandala exprime o si-mesmo, a totalidade da personalidade que, se tudo está bem, é harmoniosa, mas que não permite o autoengano. Meus desenhos de mandalas eram criptogramas que eram diariamente comunicados acerca do estado do meu “si-mesmo”. (Jung, 2017, pg. 39)

Mandala, em sânscrito, significa literalmente círculo. Para Jung são imagens circulares que podem ser pintadas, desenhadas, modeladas, dançadas. Quando em abordagens terapêuticas, aparecem em expressões artísticas, desvinculadas de regras estéticas, e também nos sonhos. Pode aparecer em forma de quadratura, apresentando elementos múltiplos de quatro, que são significativos simbolicamente. Mesmo sem apresentar a tradicional forma circular ou quadrada, podemos encontrar o sentido do mandala ao observarmos no desenho, pintura ou até movimento, a busca pela centralização e união dos opostos, conforme postula Boechat (2014). Outro aspecto destacado por esse autor é a “misteriosa e autônoma influência protetora do mandala sobre o psiquismo”, relatada em estudos de casos clínicos de pacientes com transtornos mentais.

Mas que magia acontece nesse espaço sagrado? No Brasil, a Dra Nise da Silveira realizou um trabalho pioneiro. Observava que à medida em que seus pacientes psiquiátricos iam se expressando através de materiais artísticos, os conteúdos projetados iam se modificando, se tornando mais harmoniosos e, muito frequentemente, surgiam nas pinturas e desenhos formas circulares, ou mandalas, demonstrando a força organizadora da psique em decorrência da expressão de conteúdos inconscientes ali projetados. O expressar-se e reconhecer-se organiza, integra.

Essas imagens levaram Dra Nise a uma extensa pesquisa, o que conduziu às teorias do Dr.C.G. Jung, com o qual passou a se corresponder. Em abril de 1957 é convidada a ir à Zurique e apresentá-los no II Congresso Internacional de Psiquiatria. A contribuição do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro levou o título de A esquizofrenia em Imagens e demonstrou os resultados surpreendentemente positivos apresentados por esses pacientes. As imagens de mandalas, cuidadosamente dispostas em uma sala exclusiva, receberam atenção especial do Dr Jung que comentou e fez observações a respeito das mesmas, confirmando seu valor terapêutico.

Mandala Terapêutico

Produzidas pelo inconsciente, essas figuras circulares ou mesmo quadradas, nas palavras de Jung, “exprimem a totalidade e, quando queremos exprimir a totalidade, utilizamos precisamente tais figuras”. Em arteterapia os mandalas são potentes recursos terapêuticos, pois oportunizam a livre expressão da psique que projeta a situação momentânea do experienciador em cores e formas, para que, a partir de uma amplificação, se faça consciência dos conteúdos envolvidos nas questões que estão sendo trabalhadas.

Antes de realizar o mandala, uma atividade de rebaixamento da consciência é conduzida para facilitar o contato interno. Oportunizar a percepção do espaço em que está, do próprio corpo nesse espaço, do espaço interno do corpo, seus movimentos sutis, batidas do coração, respiração, o caminho percorrido pelo ar ao entrar e ao sair, trazendo o experienciador para o momento presente, promovendo a autoconfiança que é tão importante para que possa expressar-se com mais autonomia.

O mandala criado traz uma representação do que está ocorrendo no momento e a qualidade do concreto para que as questões sejam presentificadas e acolhidas. Surge a oportunidade de diálogo com os elementos psíquicos que se apresentam nas imagens, figurativas ou abstratas, cores, formas, movimentos, relações formais, entre outros, que podem trazer a representação

de complexos ou arquétipos do inconsciente coletivo através dos símbolos que surgem espontaneamente. Poderão ser percebidos de acordo com o desenrolar da amplificação dos elementos ali contidos, como que surgindo em camadas de percepções que podem ir se desdobrando em outros momentos por tempo indeterminado. Um símbolo é um elemento vivo, dinâmico. Jung deixa claro em sua obra que o desenvolvimento psíquico demanda tempo e esforço e acontece em um processo. O que pode ser percebido nos trabalhos expressivos realizados nesse percurso, que inclui também as imagens oníricas.

A criação do mandala é um dos recursos facilitadores no caminho da descoberta de si mesmo rumo à individuação, proposto pelo processo arteterapêutico. Vale ressaltar que na compreensão junguiana, o si-mesmo é o arquétipo central da ordem, corresponde à totalidade, que vai além da consciência do eu e é atemporal.

Ao propor um trabalho com mandalas, diversos materiais podem ser utilizados. Muitas vezes o arteterapeuta prepara o atendimento escolhendo os materiais que estejam mais adequados ao momento de seu cliente. Em outras vezes os materiais são dispostos, deixados à vista para que o cliente possa escolher usando sua intuição, seguindo sua voz interior, como era proposto por Dra Nise da Silveira.

É importante que o arteterapeuta esteja conectado durante o processo, observando discretamente o desenrolar da atividade criativa. Os materiais escolhidos dizem muito a respeito de quem os escolhe e revelam algo do momento presente, trazendo a qualidade do concreto, revelando crenças e padrões de funcionamento. É natural que as pessoas tenham preferências por determinados materiais por serem, de alguma forma, mais confortáveis para si. Ao utilizarem materiais que não tem intimidade, podem apresentar resistência a eles, intensificando a mobilização de conteúdos inconscientes, sombrios, mais difíceis de lidar, como observou a Dra Nise da Silveira (2015). Uma pessoa mais rígida, por exemplo, pode ter dificuldade em utilizar aquarela por ser um material de difícil controle. Ao estar livre para fazer sua escolha, poderá optar por materiais e técnicas onde possa manter um certo controle e

até racionalizar sua criação. Aos poucos, no decorrer das sessões, o arteterapeuta poderá propor que se experiencie outros materiais, a fim de que se amplie o repertório de possibilidades de sentir, experimentar-se e flexibilizar sua capacidade de autoexpressão.

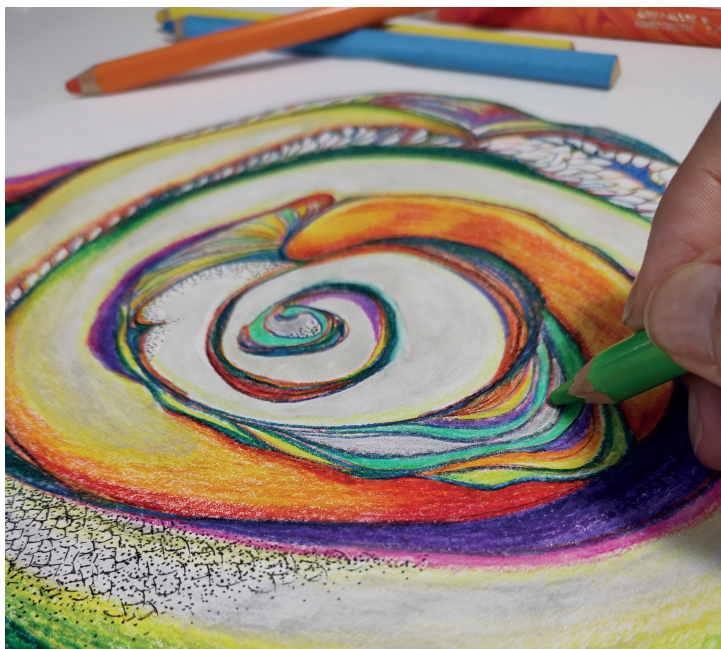
Através da abertura para experimentar esses novos materiais, surgem também novas sensações, percepções, insights, ampliando a consciência e dando vazão ao fluxo criativo. Importam as emoções que surgem, tanto quanto os conteúdos que vão se revelando nesse processo criativo. O ato de criar mobiliza aspectos profundos, permitindo que se transite entre opostos, de luz (consciência) e sombra (o que é desconhecido). Os materiais são verdadeiros instrumentos de Hermes, de contato com a alma, fazendo a mediação entre mundos, interno e externo, cliente e terapeuta.

O mandala terapêutico é proposto de forma o mais livre possível, sem regras, sem a necessidade de orientar para que se trabalhe dentro de um círculo ou quadrado perfeitamente traçado, que se realize repetições simétricas de formas ou se organize a partir de um centro. Normalmente, o centro tende a surgir espontaneamente, conforme o processo de autoexpressão se desdobra, se organiza, numa série de mandalas realizados. A intenção não é produzir um trabalho estético, na perspectiva artística, ou semelhante aos yantras ou às rosáceas. A busca por uma estética pessoal, sem seguir qualquer regra de uso de cores ou composição, costuma fazer parte naturalmente ao se trabalhar com os recursos expressivos.

Podemos, no entanto, nos deparar com pessoas que tenham uma resistência a utilizar os materiais e se expressar através de imagens. Ao encontrar uma paciente com tal dificuldade, Jung solicitou que se expressasse através da dança pois uma das formas mais comuns de expressão simbólica do corpo é pelo gesto, pelo movimento. Nas palavras de Jung:

“Algumas de minhas pacientes do sexo feminino não desenhavam, mas dançavam mandadas. Na Índia isso se chama: mandala nritya, que significa dança mandálica. As figurações da dança têm o mesmo sentido que as do desenho. Os próprios pacientes podem dizer acerca do

sentido simbólico das mandalas, mas se sentem fascinados por elas. Reconhecem que exprimem algo que atuam sobre seu estado anímico subjetivo”.(Jung, 2011,§32 apud Boechat, p.29)



Mandala como expressão individual da totalidade. Título: Germinar. Técnica mista sobre papel canson

Aquarelando emoções

O elemento água é relacionado às emoções, o que torna o uso da aquarela muito potente em trazer à tona as questões emocionais. O cliente é convidado a “acordar” a aquarela, colocando água nas pastilhas secas para que o pigmento se dilua e possa ser utilizado. O mandala é realizado preferencialmente em papel próprio para aquarela, com o desenho de um círculo ou quadrado. Solicito então que seja depositado com pincel uma quantidade de água sobre o papel para que fique bastante molhado. Após, o experienciador poderá escolher a cor depositando sobre as partes molhadas ou secas, acompanhando o efeito produzido em uma e outra ao se mesclarem as cores, trabalhando livremente, seguindo o fluxo da

experiência cromática.

É importante sugerir que seja observado o que acontece em seu corpo durante o processo. Após finalizar essa etapa, poderá relatar e registrar suas sensações, enquanto aguarda a secagem. Na sequência, podemos propor que trabalhe com algum tipo de material gráfico de sua preferência, como por exemplo: caneta nanquim, canetinha, caneta gel, lápis aquarelável. Buscando identificar formas, irá contornando e desenhando detalhes até que sinta ter concluído. Um novo momento de contemplação se dá, um novo diálogo se abre e o que antes eram manchas abstratas, algo indiferenciado ganha contorno, mais clareza, mais nitidez. Vai se diferenciando e revelando mais conteúdos à medida que o arteterapeuta facilita a amplificação através de perguntas abertas. Ao ampliar o conteúdo imagético, surgem também potenciais adormecidos e recursos internos de autorregulação emocional.

Em arteterapia de referencial junguiano não trabalhamos com interpretações pois isso limitaria o símbolo, retirando sua potência e a oportunidade do fazer consciência de seu próprio processo. O arteterapeuta oportuniza a amplificação das imagens sem nomear formas ou cores, por mais evidentes que estejam para si. Realiza perguntas abertas, como por exemplo: o que essa forma te diz? E essa cor, que sensação provoca? Relaciona a alguma situação ou sentimento? Como se relaciona com suas questões atuais? Faz lembrar algo? Desse modo, a subjetividade do criador torna-se acessível a ser percebida por sua consciência e elaborada pelo ego, trazendo “insights”, reflexões e soluções mais criativas e funcionais para suas questões pessoais.

Além de oportunizar a diferenciação de conteúdos inconscientes, essa técnica com aquarela também promove a alquimia do diluir. Expandindo fronteiras, vivenciando o não-controle, através de uma experiência que não oferece um potencial de perigo, pois está no espaço seguro pelo limite do círculo, do acolhimento do arteterapeuta e do continente do setting terapêutico. Percebendo as sensações corporais pode-se dialogar com elas, como numa Imaginação Ativa, método de amplificação desenvolvido por Jung. Temos aqui uma técnica sutil, lúdica,

sensorial e ao mesmo tempo de um grande potencial transformador ao oportunizar o desbloqueio do fluxo criativo.

Segundo Silveira (2015), Jung considerava a criatividade um dos instintos humanos, uma função psíquica natural e estruturante. Demonstrou em sua obra que o psiquismo humano está sempre em busca de expressão, sendo a arte uma de suas vias de comunicação, a qual ele mesmo vivenciou intensamente.

Conclusão

Percebemos em nossa sociedade o adoecimento do ser humano se manifestando como angústia, depressão, doenças, dificuldade de relacionamentos, violência. Um afastamento da alma, da natureza da qual é parte, a desconexão com a espiritualidade. Dedicar-se a desvendar a si mesmo requer coragem, perseverança e, ao buscar auxílio arteterapêutico, um terapeuta qualificado, empático, que ofereça um lugar de acolhimento.

Inerente ao ser humano, a criatividade se manifesta como capacidade de resolver problemas, impulsionando o desenvolvimento humano social, cultural, psíquico. A criatividade não se restringe ao campo das artes e nem somente os artistas são dotados de criatividade. Todos podem ser criativos ao transformar suas questões internas, refletindo na forma de olhar as situações, mudando a postura, aprendendo um modo mais flexível e funcional de viver.

A arteterapia é um caminho rico em possibilidades, que oportuniza a expressão das emoções que não conseguimos expressar por meio de palavras, o contato com a subjetividade humana e seu potencial de reinventar-se. Transformando a si mesma, transforma o mundo que toca. É cuidar da alma para que não nos adoeca. É voltar-se ao centro, com uma atitude cuidadosa para com a vida.

O uso terapêutico dos mandalas enquanto possibilidade de ordenação interna e superação do caos psíquico, poderá proporcionar o desbloqueio de energias psíquicas aprisionadas, o desenvolvimento da intuição, a escuta e diálogo interno, de um

lugar mais amoroso e compassivo de cuidado com a alma. A reconexão com a criança interior, aquela parte mais lúdica, leve, criativa do nosso ser que nos possibilita o contato com o prazer, a ternura, o desfrute de momentos de alegria e felicidade, mais fluidez nas trocas interpessoais. Quando encontramos dentro de nós mesmos as respostas, os caminhos de saída “do labirinto” das situações indesejadas, aprendemos a gerenciar nossas emoções a partir do autoconhecimento, nos conectamos ao centro, à mandala do nosso ser interior e passamos a criar e desfrutar de uma vida mais rica e plena de significado. Uma vida almada.

Referências bibliográficas

BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de Jung - Jornada para profundidades desconhecidas**. Petrópolis, Editora Vozes, 2014

_____. **Ao encontro do corpo criativo: novos caminhos de expressão simbólica**. Cadernos Junguianos, n.10,2014, p.21-32

JUNG, Carl Gustav. **O Livro Vermelho - Liber Novus**. Petrópolis, Editora Vozes, 2017

_____. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2008

SCHINETZKY, Denise. **Arteterapia: criatividade, recursos expressivos e saúde mental**. PUCRS 2022, não publicado

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis, Editora Vozes, 2015

_____. **O Mundo das Imagens**. Editora Ática, São Paulo, 1992

FINCHER, Suzanne. **O autoconhecimento através das Mandalas**. Editora Pensamento, São Paulo, 1991.

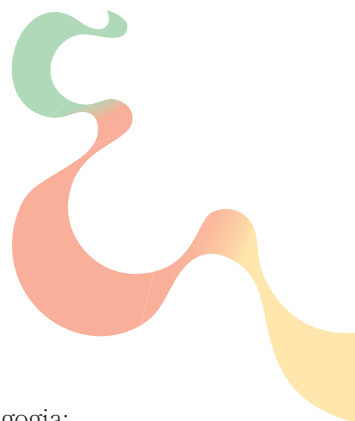


Claudete Lourdes Lamb Regla

AATERGS 111/0313

Dados acadêmicos: Graduação em Pedagogia; Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Formação em Arteterapia; Especialização em Psicanálise (Intervenção Psicanalítica na Infância e na Adolescência); Formação em Neuropsicologia da Arte; Cursos de Capacitação na área da Educação e Aplicadora ABA. Atualmente, cursando segunda graduação em Artes Visuais. Trabalho voluntário: secretária da AATERGS no período de 2015 a 2021, atualmente Conselheira Fiscal, gestão 2021-2023. Participou como membro do Conselho da UBAAT no período de 2017 a 2022 e segue como Conselheira de Honra. Dados profissionais: psicopedagoga clínica e arteterapeuta.

clauregla1965@gmail.com
@claudeteregla





Arteterapia e Psicopedagogia

Claudete Lourdes Lamb Regla

A busca pela Arteterapia como recurso no trabalho psicopedagógico aconteceu a partir das experiências vivenciadas com os meus clientes, durante os atendimentos. Ao me deparar com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, senti a necessidade de buscar meios que possibilitassem que aquele aluno diante de mim não apenas identificasse e reconhecesse suas dificuldades e suas limitações, mas também descobrisse meios de lidar com elas.

O trabalho psicopedagógico com a criança ou com o adolescente geralmente é solicitado com o objetivo de acompanhar nos estudos. A principal queixa dos pais e dos professores é que o aluno apresenta dificuldade de atenção, de concentração e desinteresse pelos estudos. Normalmente os pais não podem dar a atenção devida para seus filhos por motivo de trabalharem o dia inteiro e os filhos ficarem em casa com empregada ou cuidador. É importante considerar que, nos dias atuais, o acesso à mídia, a variedade de aparelhos e recursos tecnológicos tem sido uma luta desigual entre o ensino formal e a cultura social. Em vista disso, em alguns encontros, trabalhei com a arteterapia nos atendimentos psicopedagógicos.

Segundo Fernandes (1991), cada indivíduo possui uma modalidade de aprendizagem. Isto quer dizer que construímos nossa modalidade de aprendizagem desde o nascimento e

através dela convivemos com a angústia inerente ao movimento de conhecer-desconhecer. O processo de crescimento e construção da aprendizagem da criança se inicia através da linguagem e da fala. Este processo pode ser observado na fase escolar, ainda na Educação Infantil, conforme a criança se expressa nas atividades lúdicas, por exemplo, desenhos.

Podemos entender que, segundo Fernandes (2001), em sua obra *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*, a inteligência está vinculada às experiências. A autora descreve que a inteligência se constrói em um espaço relacional, que o sujeito se constitui a partir de um vínculo com os outros.

O ser humano, para aprender, põe em jogo seu organismo herdado, seu corpo e sua inteligência construídos interacionalmente, e a dimensão inconsciente; o brincar, o jogar e o aprender são gestados no mesmo espaço (espaço transicional, conforme Winnicott), mas são diferentes;[...] o que convoca e nutre o pensar é a geração de um espaço entre o ensinante e o aprendente que transforme as frias ações e informações em situações pensáveis, as quais possam ser interrogadas, entendidas e modificadas (Alicia Fernández, 2001, p.42).

Rhyne (2000), fala sobre a “*experiência gestáltica de arte*”. Segundo a autora, a palavra Gestalt não tem um termo em português definido. Emprega a palavra dentro de um contexto de experiência, na qual o sujeito através da arte se expressa utilizando formas, figuras, linhas, etc. Assim compreende-se que a criança ou o adolescente, a partir de uma atividade com arteterapia envolvendo materiais de arte, pode representar sua forma de pensar, sentir e como se vê.

Mas o seu desenho tem muito a ver com você, com a forma como você vê, sente, pensa e com o jeito que você percebe. Quando você faz uma atividade artística, está se experienciando; o que você produz é despersonalizado, mas vem de um você muito personalizado. Suas expressões artísticas pessoais merecem sua atenção (Janie Rhyne, 2000, p. 40).

Neste sentido entendemos que uma expressão artística, um trabalho com linhas e pinturas nos permite rabiscar com liberdade todos os tipos de sentimentos e deixar fluir nossas emoções, sem nos preocuparmos com a estética da arte ou com as críticas. O momento da vivência é único e é o nosso momento. *“A forma como percebemos visualmente está diretamente relacionada à forma como pensamos e sentimos; a correlação torna-se aparente quando representamos nossas percepções com materiais artísticos”* (Rhyne, 2000, p. 44).

Ao trabalharmos com a arteterapia, é importante conhecermos os estágios de desenvolvimento psíquico. Para Goulart (2005), baseado na teoria Piagetiana, estes estágios envolvem basicamente três funções: de conhecimento; de representação e de funções afetivas. Sobre este tema, aborda que as funções de conhecimento são responsáveis pela percepção que se tem do mundo, elas incluem o pensamento lógico e a organização da realidade. As funções de representação envolvem a representação de um significado qualquer (objeto, acontecimento ou pessoa) usando um significante determinado (uma palavra, um gesto, um desenho etc.). Já as funções afetivas constituem o motor do desenvolvimento cognitivo. Esta última foi analisada do ponto de vista da relação com o outro, da ausência de regras morais, para limitar o que é permitido ou não fazer, e das regras impostas pelo outro, que são essenciais para a conquista da autonomia moral. O trabalho psicopedagógico desenvolve a relação das três funções anteriormente citadas.

Com referência à adolescência, PAPALIA, OLD e FELDMAN (2006), entendem que este é um período de crise de produtividade versus inferioridade, em que o indivíduo precisa descobrir como utilizar suas habilidades.

A identidade forma-se pela resolução de três questões importantes: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores nos quais acreditar e segundo os quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória. Durante a crise da terceira infância, de produtividade versus inferioridade, as crianças adquirem as habilidades

necessárias para serem bem-sucedidas em sua cultura. Agora, como adolescentes, precisam descobrir modos de utilizar essas habilidades. Quando os jovens têm dificuldades para se fixar em uma identidade ocupacional - ou quando suas oportunidades são artificialmente limitadas - eles têm risco de apresentar comportamento com graves consequências negativas, como a atividade criminosa ou gravidez precoce. (PAPALIA, OLD e FELDMAN, 2006, p. 478).

O poema *VERBO SER* de Carlos Drummond de Andrade expressa bem as questões que envolvem a adolescência, considerada como um período de rebeldia, de questionamentos, de incertezas, dentre outros fatores, além da busca de identidade.

Que vai ser quando crescer? Vivem perguntando em redor.
Que é ser? É ter um corpo, um jeito, um nome? Tenho os três.
E sou? Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome,
corpo e jeito? Ou a gente só principia a ser quando cresce?
É terrível, ser? Dói? É bom? É triste? Ser; pronunciado tão
depressa, e cabe tantas coisas? Repito: Ser, Ser, Ser. Er.
R. Que vou ser quando crescer? Sou obrigado a? Posso
escolher? Não dá para entender. Não vou ser. Vou crescer
assim mesmo. Sem ser Esquecer. (Carlos Drummond de
Andrade, 1973)

Tenho notado, durante os atendimentos, que por trás daquele adolescente aparentemente indiferente e alheio a tudo, desorganizado, existe um ser ansioso, inseguro e muitas vezes carente de atenção. Alguns passam o dia todo sem a presença dos pais que trabalham fora. Abre-se, assim, uma porta para a influência de companhias negativas e comportamentos de rebeldia. Os pais aconselham, exigem, mas são permissivos e, às vezes, incoerentes em determinadas situações. Atribuo este comportamento dos pais como forma de compensação por sua ausência.

Sendo assim, qual a relação da arteterapia com a psicopedagogia? A partir dos atendimentos e da prática da arteterapia com crianças e adolescentes, percebi a sua importância e sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo da criança e do adolescente, e o quanto as funções de conhecimento são

trabalhadas durante as atividades. A arteterapia surge como um recurso do trabalho psicopedagógico por ser um espaço de libertação e de descobertas, de deixar a criatividade e as ideias fluírem sem críticas ou correções. Apenas possibilitar ao indivíduo criar, construir e refletir sobre seu trabalho, seu comportamento e suas atitudes.

Neste sentido, podemos considerar que o ateliê terapêutico proporciona a expressão artística do indivíduo e contribui para seu avanço e evolução. Sobre este prisma, Saviani (2004, p. 51) em seu texto *“Ateliê terapêutico – encontrarte: viver, criar e recriar a vida”* diz:

Quando o indivíduo se expressa em arte, tem a possibilidade de estar mais consigo mesmo, voltando-se para sua profundidade interior e, assim, caminhar para maior e mais profunda consciência de si e de sua ligação com um todo mais amplo. Por isso, a arte deve ser trabalhada de forma abrangente, abrindo caminhos para o experimento que leva a múltiplas possibilidades e à diversidade de materiais, transformando elementos internos e externos em atitudes que facilitam o contato com a natureza criativa e divina de cada ser (Ciornai, Selma 2004).

Nota-se que através da prática da arteterapia, durante a vivência, aquela criança ou adolescente inquieto, disperso e impaciente em sala de aula torna-se atento, concentrado e envolvido diante de uma proposta de atividade com diversos recursos e materiais de artes. É um espaço dele, de criação e de liberdade de expressão. Por meio do experimento, o indivíduo quando entra em contato com o seu eu interior torna-se capaz de criar a sua própria arte, e assim reconhecer suas habilidades; perceber a imagem que tem de si próprio; significar e reconhecer seus sentimentos e emoções, sejam eles de medo, de insegurança, de ansiedade, de traumas, dentre outros. A aprendizagem acontece por meio dos sentidos e conforme o nível de conscientização destes sentidos maior será o processo de aprendizagem. Logo, entendo a arteterapia como um importante recurso para o trabalho psicopedagógico, pois os materiais utilizados (tinta, giz pastel, argila, areia, sucatas, aromas

...) assim como as técnicas utilizadas, possibilitam ao indivíduo significar suas experiências, suas vivências, sua cultura e também construir a sua modalidade de aprendizagem, tornando-se autor do que pensa, deseja e cria.

Pressupondo que a criatividade é um processo de investigação e de questionamentos que tem como características a subjetividade, a autonomia e a originalidade, entende-se do processo de criar como inerente ao ser humano, pois permite ao cliente entrar em contato consigo, resultando na identificação e, conseqüentemente, possibilitando a resolução de um problema existente. Os níveis de criatividade podem ser determinados por alguns fatores como: o meio no qual o sujeito está inserido; o contexto social e cultural; os estímulos recebidos, entre outros. Partindo destes termos, pode-se dizer que a maturidade, o nível cultural, o pensamento crítico, a persistência, a personalidade e a flexibilidade, o desejo de renovação, podem promover mudanças e transformações muito positivas.

O realizar de uma atividade artística, como um desenho, acompanhado de uma história, possibilita ao indivíduo, além de projetar seus sentimentos, o envolvimento de forma que sua subjetividade se torne visível. Além disso, as mensagens podem ser percebidas e entendidas ao serem examinadas e interpretadas pelo próprio autor, mesmo quando há necessidade de uma intervenção do mediador, arteterapeuta. *“Por meio de desenhos, atividades projetivas e expressões artísticas o indivíduo representa seu mundo interno, as situações que o afligem”* (Acampora, 2016, p. 13). O profissional no trabalho com o seu cliente, seja criança, adolescente, adulto ou idoso, deve ter consciência de que cada indivíduo traz na sua bagagem uma história que os efeitos da linguagem e da fala de cada um são demonstrados de maneiras diferenciadas. Sua maturidade e sua estrutura, tão singulares, geralmente são vinculados ao contexto no qual está inserido e à sua história.

Di Leo (1985, p. 13) diz que: *“Qualquer comentário que a criança faça, quando mostra um desenho, pode ser um indício de uma atitude, pensamento ou sentimento.”* Ainda, segundo o

autor, pode haver discrepância entre a fala e o desenho da criança. Além disso, “os desenhos podem expressar sutilezas do intelecto e afetividade, que estão além do poder ou liberdade de expressão verbal.” Por isto, considero importante ressaltar que conhecer a realidade da criança é fundamental para a interpretação correta do que se passa com o indivíduo.

No trabalho com crianças o brincar é uma técnica riquíssima. Para Oaklander (1980), o brincar de situações possibilita que a criança experimente o seu mundo e aprenda mais sobre si mesma, uma experiência que contribui para o seu desenvolvimento sadio. O brincar de situações em terapia pode ser utilizado da mesma forma que poderia usar-se uma estória, um desenho, um teatro com bonecos. A criança consegue expressar, através do simbolismo, aquilo que não é capaz de expressar verbalmente. Neste processo a arte revela a riqueza do inconsciente de cada um. Observar o conteúdo da brincadeira e perceber o que ela revela é fundamental para entender o que se passa e o que pode ser a causa da dificuldade de aprendizagem, se é causa de um sintoma, algo de cunho emocional ou reativo, algo ocasionado por um fato isolado.

A arte é um instrumento que contribui para o desenvolvimento humano. A prática da arteterapia facilita a expressão dos conflitos, auxiliando na revelação do que está oculto, a partir do confronto com imagens ou símbolos que aparecem durante a vivência.

Arteterapia é transformação. Sua função é possibilitar e promover mudanças com vista à integralidade do indivíduo e, conseqüentemente, à melhoria na qualidade de vida. [...] A Arteterapia pressupõe brincadeira. O objetivo da terapia por meio de processos artísticos é auxiliar o indivíduo, por intermédio das diferentes formas de fazer arte, para que se possa expressar com maior facilidade seus conflitos e dificuldades, o que ocorre de forma simbólica. (Acampora, 2016, p. 13).

A reflexão a partir das questões que forem surgindo nos atendimentos é importante neste processo, pois possibilita o reconhecimento de carências, limitações, aflições, necessidades, assim como permite reconhecer as potencialidades e as

expectativas. Desta forma, há possibilidades de melhora, de resolução dos problemas, o que, às vezes, parece muito difícil. Sabe-se que a arteterapia pode não trazer a cura, porém pode trazer o entendimento e atenuar a convivência com o problema e, conseqüentemente, alcançar o bem-estar e melhorar a qualidade de vida.

No trabalho com adolescentes a arteterapia também é de grande valia. Sendo a adolescência considerada uma época de muitos conflitos, incertezas, pressões, insegurança, riscos e de oportunidades, fica difícil, tanto para os pais quanto para os filhos, enfrentar essa etapa. É um período marcado pela busca e construção da identidade.

Com base nas minhas experiências e vivências como psicopedagoga e arteterapeuta, creio que o trabalho psicopedagógico concomitante com a arteterapia proporciona todos esses atributos, por permitir ao indivíduo liberar das suas percepções, impressões, além de sua subjetividade. Assim, certamente, o cliente alcançará a compreensão e o entendimento de suas limitações e de suas diferenças, bem como o reconhecimento de suas habilidades e de suas competências. Um sujeito passivo pode tornar-se um sujeito ativo da sua aprendizagem. É importante ressaltar que o terapeuta deve conhecer a realidade do cliente, bem como no caso de haver mais profissionais envolvidos para manter um trabalho conjunto com estes profissionais. A interação entre a família, a escola e estes profissionais é fundamental para um bom resultado.

Referências bibliográficas

ACAMPORA, Beatriz. **170 técnicas arteterapêuticas: modalidades expressivas para diversas áreas**. Beatriz Acampora e Bianca Acampora – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Menino Antigo**: Boitempo II. Edição 2. Editora Sabiá, 1973.

CIORNAI, Selma. (Org.). **Percursos em Arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte**. São Paulo: Summus, 2004.

DI LEO, Joseph H. **A interpretação do desenho infantil**. Trad. de Marlene Neves Strey. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERNANDES, Alcília. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1991.

FERNANDES, Alcília. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Trad. Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. - 21 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. (Tradução de George Schesinger; revisão científica da coleção de Paulo Eliezer Ferri de Barros). – São Paulo: Summus. 1980.

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W e FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed editora, 2006

RHYNE, Janie. **Arte e Gestalt: padrões que convergem**. (Tradução Maria de Betânia Paes Norgren). São Paulo: Summus, 2000.

REGLA, Claudete Lourdes Lamb. **A Arteterapia como recurso no trabalho psicopedagógico**. Artigo conclusão de curso de Arteterapia. Porto Alegre, 2015.



Tânia Mara Mattiello Rossetto

AATERGS 055/0408

Tânia Rossetto, arteterapeuta, arte-educadora, artista visual, escritora, palestrante.
Especialista em Saúde Mental;
Especialista em Artes Plásticas: Suportes Científicos e Praxis;
Vice-presidente da Aatergs gestão 2021-2023.
Membro da Comissão da Ubaat de Regulamentação da Profissão do Arteterapeuta e PICS. Conselheira de Honra da Ubaat.
Presidente da Aatergs 2013-2015.
Realizou a “1ª pesquisa virtual do Brasil, sobre a ‘Formação do Arteterapeuta: presencial ou virtual?’.
Publica em Congressos nacionais e internacionais.





Oficina de Criatividade com abordagem Arteterapêutica: um espaço para aprender além da sala de aula

Tânia Mara Mattiello Rossetto

A Sala de Aula é um espaço vibrante onde estudantes e professores procuram ensinar e aprender. A dinâmica da aprendizagem, no entanto, envolve elementos que são desafiadores na sala de aula. Cada aluno traz uma história, e esta história somada às outras, tornam-se desafios a serem administrados pelos professores, além das emoções que estão “à flor da pele” na idade dos 10-12 anos. Este trabalho traz um recorte da “Oficina de Criatividade com Abordagem Arteterapêutica¹”, desenvolvida em espaços do ensino privado no sul do Brasil. A formação em Arteterapia pode ajudar o professor a ampliar a sua percepção de si mesmo, bem como compreender as demandas dos pré-adolescentes, ajudando a entender o processo de crescimento pessoal, em suas relações e emoções. Além de observar, conhecer e aplicar os elementos plásticos da alfabetização visual para expressar-se. O professor pode também, encontrar possibilidades de ampliar o aprendizado na sala de aula.

Palavra Chaves: Arteterapia – Adolescência – Educação - Oficina de Criatividade

Há décadas a escola tem recebido intensos desafios para transformar-se: mudou a forma de dispor as cadeiras e mesas,

¹ Oficinas Criatividade com Abordagem Arteterapêutica, TCC da formação em Arteterapia, no Instituto da Família, RS, 2010.

trabalhou por projetos, integrando os saberes, substituiu os livros didáticos por ferramentas da informática que ampliaram a visibilidade dos conteúdos, como por exemplo, as partes do corpo humano internas e externas; possibilitou a ampliação da visão do bidimensional – da figura fixa do livro, para o tridimensional, permitindo ver o órgão com seu volume, além do movimento e sons. Estreitaram-se as distâncias, permitindo viagens a distantes países e museus, em poucos minutos vendo o relevo, o povo e sua cultura, as atrações turísticas, entre outras tantas informações. Soma-se ainda a facilidade de ter a internet disponível em cada celular, além dos laboratórios de Informática. Sem falar na transformação vivida durante a pandemia do Covid-19, desde o ano de 2020.

Diante das incríveis mudanças sociais, tecnológicas, econômicas, de saúde, entre outras, muitos desafios estão por serem vencidos a cada dia, especialmente na Educação. Trazemos, como exemplo, as relações individuais, as relações sociais, com o ambiente, com o divino e ainda o desenvolvimento das emoções e da afetividade.

Como professora de Artes, percebia a sala de arte como um lugar de muitos desafios para os alunos. Uns curtiam os materiais, as pesquisas, as construções. Outros conseguiam organizar-se melhor. Outros ainda se envolviam na pintura, por exemplo, e esqueciam do tempo. Mas, havia alguns alunos que me inquietavam... Eu era curiosa: buscava autores, ouvia palestras, lia os teóricos que despontavam, fazia cursos, participava de congressos.

Havia também a minha produção na arte. Muito do que aprendia com o meu processo criativo, levava para a sala de aula, como por exemplo, o uso do portfólio. O artista usava pastas ou arquivos para colecionar a sua produção. Esse conjunto era chamado de portfólio.

Desde o início de minha jornada como professora, percebi a importância de conhecer o processo de desenvolvimento criativo do aluno. Assim, no início dos anos 2000, passei a construir com os alunos, em sala de aula, a coleção dos seus trabalhos – o portfólio. Incentivava a coleção, para um dia, rememorarem a sua história, reconhecendo as próprias habilidades ou desafios, produzidos nas

aulas de artes.

A artista e professora Fayga Ostrower, em seu livro “Criatividade e Processos de Criação”, afirma:

“O homem se torna apto a reformular as intenções do seu fazer e a adotar certos critérios para futuros comportamentos. Recolhe das experiências anteriores a lembrança de resultados obtidos, que o orientará em possíveis ações solicitadas no dia-a-dia da vida.” OSTROWER, 1986, p.18.

Ainda hoje, o portfólio pode ajudar o aluno a tomar consciência de sua produção e trajetória de vida em determinado tempo, levando-o à autorreflexão e ao autoconhecimento, e até mesmo retomando-o para ressignificar momentos de sua vida.

Conheci a Arteterapia num workshop com Vera Heller, professora de Arteterapia na Universidade de Quebec. Encontrei ali a relação que procurava entre arte-educação, arte e psicologia.

A Arteterapia pode ser definida pela abordagem que a Associação de Arteterapia do Estado do Rio Grande do Sul, AATERGS², disponibiliza em seu site. Lá a Arteterapia é definida como:

“uma prática terapêutica realizada por profissional cadastrado na Associação, que utiliza os recursos expressivos (materiais gráficos, plásticos, sonoros, corporais e espaciais), a imaginação, a vivência simbólica e a verbalização nos processos pessoais ou do grupo, facilitando o autoconhecimento e a possibilidade de transformação para uma melhor qualidade de vida.”

Na abordagem relacionada à saúde³, a Arteterapia tem como definição:

“um procedimento terapêutico que funciona como um recurso que busca interligar os universos interno e externo de um indivíduo, por meio da sua simbologia. É uma arte

² <http://aatergs.com.br/o-que-e-arteterapia/> 28-06-2022

³ <https://www.infoescola.com/medicina-alternativa/arteterapia/> 28-06-2022

<https://www.psicanaliseclinica.com/arteterapia-o-que-e-o-que-faz-e-qual-curso-fazer/> 28-06-2022

livre, conectada a um processo terapêutico, transformando-se numa técnica especial, não meramente artística. É uma forma de usar a arte como uma forma de comunicação entre o profissional e um paciente, buscando uma produção artística a favor da saúde.”

Essas definições ilustram que a Arteterapia está em vários campos e pode seguir diversas abordagens: a abordagem da Psicanálise de Freud; da Psicologia Analítica, de Jung ou da Gestalt-terapia, de Fritz Perls, entre outras.

A Arteterapia pode beneficiar pessoas nas diferentes fases de desenvolvimento humano, bem como portadores de necessidades especiais, pessoas enfermas ou saudáveis. Podemos citar como exemplo de contextos onde encontramos a Arteterapia: na saúde mental, na reabilitação, em instituições médicas e legais, em centros de recuperação, em programas comunitários, em escolas, em instituições sociais, em empresas, em ateliês, entre outros, conforme define a *American Art Therapy Association* (AATA)⁴. O atendimento em ateliers ou instituições pode ser feito individualmente ou em grupos.

Busquei a formação em um curso de especialização de Arteterapia no Contexto Social e Institucional, com a abordagem de Fritz Perls, a Gestalt-terapia, que trabalha a consciência do ser a partir do todo que a pessoa traz consigo.

O arteterapeuta é formado em curso de especialização específico que observa os critérios elaborados pela União Brasileira e Associações de Arteterapia (UBAAT)⁵, que congrega associações de diversas regiões do País. O currículo mínimo define aprofundamento teórico e exige a realização de estágio supervisionado com carga horária mínima. O profissional arteterapeuta também precisa ser reconhecido pela associação do estado em que reside.

A Arteterapia me deu a possibilidade de ver um caminhar paralelo ao de professora e artista, fortalecendo os pontos de intersecção que havia encontrado entre arte e educação, ampliando

4 <https://arttherapy.org/> acesso em 06-03-2021

5 <https://ubaatbrasil.com/> acesso em 08-03-2021

a minha forma de ser professora/aprendiz e aprendiz/professora, especialmente, nas relações da sala de aula. Percebi a importância de recriar a mim mesma para compreender as múltiplas realidades que diariamente se apresentavam no contexto escolar, dentro e fora da sala de aula.

Resolvi levar às escolas do ensino privado o projeto “Oficina de Criatividade com Abordagem Arteterapêutica” com encontros semanais, em turno inverso ao escolar, por um período de tempo, durante 2 horas/aula semanais. Para tal, foi preciso validar o projeto com a direção e serviço de orientação das escolas e apresentar o projeto aos pais da série convidada. Vencida a etapa inicial, aconteceu o encontro com os alunos que aderiram ao convite.

Os encontros da “Oficina de Criatividade com Abordagem Arteterapêutica” foram realizados em sala específica, onde o espaço livre permitia utilizar o ambiente com organização diferente da sala de aula, e oferecer materiais diversos, conforme os temas a serem desenvolvidos. Os participantes, com idade 10 e 12 anos, eram originários de turmas diversas, mas do mesmo ano. Chamo-os de participantes, pois como afirma Janie Rhyne, em seu livro “Arte e Gestalt padrões que convergem”, o terapeuta “é o que facilita o *awareness*⁶ do participante, de modo que ele possa, então, encontrar o melhor modo de trabalhar para o seu crescimento pessoal por intermédio da arte.” (RHYNE, 2000, p. 71). O participante é quem faz a ação e a sua aprendizagem a partir dos desafios propostos pelo arteterapeuta, da interação com os materiais e dos seus questionamentos e conclusões durante a vivência, fechando os *awareness*.

No primeiro encontro da Oficina de Criatividade, realizamos combinações solicitando o sigilo, preservando a identidade de cada participante, o respeito com a individualidade e o espaço de cada um. Esperávamos evitar julgamentos e ampliar o autoconhecimento, fortalecendo cada um a buscar as possibilidades de opções para as questões e dúvidas que haveriam de surgir. As combinações chamaram a atenção dos participantes. Teriam que prestar a

⁶ awareness: é a tomada de consciência no momento presente a partir da percepção pessoal, emocional, interior e ambiental.

atenção no colega e não julgá-lo? Isto era diferente dos hábitos do dia a dia, especialmente, na etapa do desenvolvimento humano que estavam desvelando – a pré-adolescência. Essa etapa antecede a adolescência, e é caracterizada por mudanças visíveis no corpo, na maneira de se relacionar com o mundo, na incompreensão das emoções, e, especialmente no medo de decepcionar pais e professores.

No início de cada encontro, ouvíamos com atenção as conquistas e demandas da semana e, aos poucos, sugestões começavam a pulsar, tendo o cuidado para manter as combinações e os acordos estabelecidos. Antes de emergir o tema e os materiais, a tomada de consciência no aqui e agora era realizada, procurando aquietar o corpo e a mente borbulhante.

Podemos imaginar que, na pré-adolescência, aquele corpo inquieto e a mente borbulhante construam inúmeros pensamentos: como usar os lápis e canetinhas numa mesinha inclinada? Será melhor me instalar no chão? Vão rir de mim se eu desenhar no chão? E se o chão estiver sujo, como vai ficar a minha roupa? Será que eu posso?

Segundo NACHMANOVITCH, “existem dois tipos de crítica: a construtiva e a obstrutiva.” (1993, p. 124) A primeira ocorre junto ao processo criativo, num *feedback* contínuo como para facilitar a ação. A crítica obstrutiva interrompe a ação, criando bloqueios, ou rejeição, ou indiferença com a criação. O pintor Edgar Degás afirmava: “Só quando não sabe mais o que está fazendo é que o pintor faz coisas boas.” Esse estado pode ser vivido quando experimentamos estar no aqui/agora.

Por isto, antes da vivência, os participantes são convidados a fechar os olhos e aquietar as críticas interiores. Através da respiração, os movimentos do corpo são sentidos, preparando-se para realizar a conexão com o mundo interno e o manuseio dos materiais. Ao experimentar o processo criativo internamente, as emoções afloram, permitindo ser plenamente.

O terapeuta Joseph Zinker, que contribuiu para o desenvolvimento da metodologia da Gestalt, afirma que toda atividade criativa começa com movimento. “No processo criativo,

meu cérebro adulto se desdobra para recuperar a criança interior: o ritmo original, a ausência de preocupação, a sensação de abandono, a confiança total de apenas ser. Sou um corpo causando impacto no espaço.” (ZINKER, 2007, p.261).

Em cada vivência, o tema, relacionado com a etapa de vida e as demandas apresentadas juntamente com os materiais, proporcionava a oportunidade de apropriar-se da realidade, revelar mundos diversos, enfrentando os desafios e contradições, revelando as possibilidades de ir além, de tomar consciência e ressignificá-los a partir do processo criativo pessoal, de autoperceber-se.

“Os encontros vivenciais emergem como espaços de construção e aprendizagem de novas formas de ser no mundo, conectando o sentimento ao corpo, à fala e à expressão plástica.”, diz Clara Carvalho (2005, p. 82). Assim, em cada encontro da Oficina de Criatividade, desenvolvemos temas pertinentes às questões relacionadas com a fase da pré-adolescência, tais como: Quem sou? Qual a cor que me representa? Sou uma caixa de surpresas – minhas qualidades e dificuldades, entre outros.

Os materiais oferecidos para a expressão variavam. Foram usados: giz de cera, canetas hidrográficas, cola, papel crepom, papel canson, papel sulfite, revistas, tesouras, fita adesiva, tintas e pincéis, caixinhas... Utilizamos técnicas de desenho, de pintura, de modelagem com papel e fita adesiva, entre outras.

No que se refere aos materiais, Janie Rhyne afirma que o arteterapeuta deve “coleccionar por conta própria. (...)” Quando ofereço acesso a uma variedade tão imensa de materiais, as pessoas com frequência descobrem algum material com o qual intuitivamente identificam-se: elas reconhecem alguma parte do que precisam expressar, mas que não haviam percebido até ver o objeto.” (RHYNE, 2000, p. 263).

Após os oito encontros previstos no projeto, foi realizada a avaliação dos encontros com os participantes. Relataram que os temas propostos levaram a pensar e estabelecer intercâmbio entre os questionamentos individuais e do grupo, provocando diálogos, permitindo releituras e apreensão de novos elementos representativos para cada um. Suscitaram diálogos entre o

participante e as suas sensações, despertadas também na interatividade com a produção dos colegas. Reconheceram-se na fala do outro, expressaram suas sensações e tornaram-se cientes daquilo que cada um é. O participante pode perceber-se, avaliar-se e ressignificar seus medos, angústias, enfim, suas emoções, ampliando as possibilidades nas relações do cotidiano.

Alguns pais também relataram ter observado mudanças no comportamento do participante em casa: mais cuidado e interesse por suas coisas; comprometimento com as tarefas da escola, estudo para os testes e mais atenção com os outros compromissos. A afetividade com os participantes da família também havia mudado.

É emocionante o depoimento que a professora de Língua Portuguesa elaborou sobre um dos participantes da Oficina de Criatividade. Ela afirmou: “Sempre enfatizei o estudo da gramática, especialmente da Morfologia – a importância e o correto emprego da palavra em si. Uma vez que nosso cérebro, como receptor, ao ouvir ou ler, deve entender a mensagem recebida. Muitas vezes, recebia textos incompreensíveis por falta de desenvolvimento, com falta de clareza e coesão. Um de meus alunos não conseguia desenvolver seu texto: era sucinto, conciso. Considerava-o desinteressado, preguiçoso e até com dificuldades cognitivas. De repente, desabrochou conseguindo descrever com detalhes sobre o tema pedido, e em sala de aula. Portanto, a autoria era dele. Soubera que participara da Oficina de Arteterapia. Acredito que a Arteterapia lhe ensinou a observar os detalhes, a ler as cores, as formas, e a importância destes elementos visuais para o artista plástico ser apreciado, e comunicar-se sem palavras. Esse aluno tornou-se o escritor que todo o comunicador precisa ser.”

A percepção da professora de Língua Portuguesa foi muito pontual. Além do que mencionou em seu depoimento, posso afirmar que, ao longo do processo arteterapêutico na Oficina de Criatividade, o participante participou ativamente, abriu-se para as vivências e conseguiu fechar uma *awareness*, como dizemos na Gestalt. E, citando mais uma vez, o terapeuta ZINKER: “é o potencial para aprender que assinala a promessa criativa de um conflito (2007, p.218)”. Tomar consciência do conflito é sentir que

é possível a aprendizagem e a mudança.

Aprender e Ensinar/Ensinar e Aprender são ações necessárias na Educação, e também no processo da Arteterapia. Eu aprendi na Arteterapia, apliquei na Oficina de Criatividade, nas minhas aulas de Artes como professora, na minha produção de Arte, como artista, nas relações que estabeleço na vida.

Assim, ao tomar consciência de meus conflitos, se disposta a reconhecê-los como possibilidade de minha contradição, terei condições de aceitar e até ressignificar o conflito. Isso me dá condição de ampliar a noção de quem sou. Cito como exemplo: Eu posso ser uma pessoa suave, mas se cortarem, bruscamente, a minha frente no trânsito, me sentirei dura. Não me sinto suave e acho isto aceitável, pois eu sei quem realmente sou. Reconheço a minha identidade e aceito a possibilidade de eu ser o oposto, também. Somos e vivemos em um mundo de polaridades. Por que não admiti-las?

A formação em Arteterapia pode ajudar o professor a ampliar a percepção de si mesmo, bem como compreender as demandas dos seus alunos, independente da faixa de desenvolvimento, e ajudá-los a entender o processo de crescimento pessoal, as suas relações e emoções. O professor também encontra possibilidades de ampliar o aprendizado dos alunos na sala de aula, ajudando-o na compreensão de si mesmo, se já teve esta vivência.

Lembro da fala de um aluno, na sala de aula. Ele me disse, referindo-se a uma professora: “a professora não gosta de mim. Disse que eu posso melhorar a minha nota.” Ouvi-o com atenção. Pensei, e então perguntei-lhe: “Você acha que a professora poderia estar dizendo que ela te acha inteligente, e que se você estudar um pouco, vai atingir uma nota melhor?” O aluno ficou pensativo. Depois de um prolongado silêncio, disse-me: “É... Se eu estudar um pouco, eu posso melhorar, sim! Eu nunca estudo.” Nós trocamos apenas olhares...Foi o suficiente para perceber que houvera a compreensão do que a professora lhe havia dito.

Oferecer Oficinas de Criatividade na escola para viver o presente de forma intensa pode ajudar na resolução de conflitos, fortalecer o emocional, contribuir na construção da identidade,

modificar comportamentos, harmonizando o ser, o fazer e o sentir. As Oficinas de Criatividade são espaços onde os participantes vivem situações que, muitas vezes, lhes trazem desafetos, stress e desarmonia. Ao tomar consciência de possibilidades de compreensão, conseguem sentir a mudança na percepção de si, nos seus relacionamentos com coisa e pessoas, no ambiente e na conexão com o espaço maior. Aflora a consciência de ser e estar no mundo.

Projetos, como o apresentado neste artigo, podem ser desenvolvidos em escolas, desde que ministrados por arteterapeutas com formação adequada, com o objetivo de aprender com as emoções, intensificar o conhecimento afetivo para chegar aos conteúdos com mais facilidade. Se faz urgente o aprendizado sobre as emoções e as relações afetivas consigo, com os outros, nas suas relações com o ambiente, com a espiritualidade individual, num encontro de saberes e possibilidades de compreensão do ser na sua essência humana. Por que não aproveitar e entregar-se a este tipo de processo? Certamente os ganhos serão reconhecidos.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Clara Paulina Coelho. **Tecendo fios entre céus e terras por meio da arte: uma experiência de arteterapia no contexto educacional.** In CIONAI. Selma (org). **Percursos em Arteterapia: no contexto educacional, arteterapia e educação, arteterapia e saúde.** São Paulo: Summus, 2005.

CIONAI. Selma. **Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia.** São Paulo: Summus, 2003.

CIONAI. Selma. **Percursos em Arteterapia: no contexto educacional, arteterapia e educação, arteterapia e saúde.** São Paulo: Summus, 2005.

NACHMANOVITCH. Stephen. **Ser Criativo o poder da improvisação na vida e na arte.** São Paulo: Summus, 1993.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação,** Petrópolis: Vozes, 1986.

RHYNE, Janie. **Arte e Gestalt padrões que convergem,** São Paulo: Summus, 2000.

ZINKER, Joseph. **Processo Criativo em Gestalterapia.** São Paulo: Summus, 200



Paulo Roberto Alonso

AATERGS 214/0121

Graduado em Análise de sistemas (2007, UTFPR), poeta e ilustrador de Plêiades (2017) e Estroma (2020), artista visual, designer de experiência na área de tecnologia e Arteterapeuta Junguiano (AATERGS 214/0121) professor no curso de Formação em Arteterapia Junguiana em parceria com o Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul (IJRS). Facilitador de SoulCollage®. Pesquisador na área de cibercultura e associado à Associação Brasileira de Cibercultura (ABCiber).

paroazul@gmail.com
@paroalonso





Arteterapia na era da Ciberultura

Paulo Roberto Alonso

“O céu sobre o porto tinha cor de televisão num canal fora do ar.”

William Gibson

Provavelmente, muitos de nós, arteterapeutas, sintamo-nos diante deste canal fora do ar, quando nos deparamos com desafios cada vez mais frequentes que se apresentam em nossa rotina. Situações globais de saúde e segurança pública como a pandemia de COVID-19 que nos levaram ao distanciamento físico, ou, situações mais aparentemente inofensivas, como as novidades tecnológicas que mudam os hábitos humanos e suas relações consigo, com os outros e com o meio. Sem contar no potencial que estas mesmas novidades têm de transformar o imaginário e a forma de expressão dos indivíduos: fatores tão importantes no território arteterapêutico.

Talvez você tenha se deparado com este canal fora de sintonia quando se viu diante (forçosamente) de um atendimento à distância, limitado por um monitor que, sem contar as falhas de conexão, apresentaram novos desafios de ambiente, comunicação, percepção, registro, materiais, suporte, acolhimento, entre outras questões fundamentais de nossa atividade. Ou talvez, você se sinta assim quando lhe apresentam um novo dispositivo de realidade virtual, ou

uma nova rede social, ou um novo crime tecnológico, ou uma nova forma de criar e compartilhar fotos e vídeos criados instantaneamente com seu *smartphone*. E talvez, todos nós, em algum grau, sintamo-nos o tempo todo fora do ar com os tempos que vivemos. E onde fica a arteterapia neste contexto?

Nos últimos dois anos de pandemia, diante de tantas incertezas e medos, muito se discutiu a respeito das novas possibilidades de um novo normal, e também da sua impossibilidade. Este dilúvio que nos encontramos (sem sinal), dissolveu praticamente toda a nossa segurança num mundo consumado e estável da arteterapia. Nossos clientes foram inundados pelos novos medos, incertezas e perdas (e nós também). Nosso *setting* arteterapêutico bem preparado e disponível com todo tipo de materiais artísticos também ficou solitário. Nossos olhares e dinâmicas para acompanhar todos os gestos de nosso cliente ficaram limitados a uma tela de computador e à qualidade da conexão da internet, sem contar nossa habilidade técnica. As propostas super criativas e interativas se viram limitadas pelas formas de comunicação digitais. Fomos todos inundados pelas águas globais do ciberespaço, e estamos - ainda - aprendendo a navegá-las.

Ciberespaço. William Gibson, autor da citação de abertura, criou esta palavra em seu romance de ficção científica *Neuromancer*, de 1984. No livro, este termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural (LÉVY, 2010, p.94). Na década de 80, quando o romance foi escrito, a internet se tornou a principal rede de comunicação de alcance global. Depois de sua popularização nos anos 90 e de seus sucessivos crescimentos exponenciais nas décadas seguintes, hoje, o ciberespaço é todo o meio permeado pela comunicação que se utiliza da internet.

Já a cibercultura, é definida por Pierre Lévy (2010, p.17) como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais),

de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Portanto, dentro da cibercultura podemos incluir as diversas inovações que surgiram nas últimas décadas e que se expressam como tais técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores, como o computador pessoal (1981), o e-mail (termo usado pela primeira vez em 1982), o aparelho celular (inventado em 1983, no Brasil a partir de 1990), os *smartphones* (a partir de 2007), as redes sociais e de comunicação direta (desde 1995), o Facebook (2004), o Whatsapp (2009), o Instagram (2010), a fotografia digital (popularizada a partir de 2002), a realidade virtual (desde a década de 1950), os jogos eletrônicos (o primeiro criado em 1958, e popularizados a partir dos anos 80), o metaverso (conceito criado em 1992 e prometido ser lançado em 2022), entre tantas outras.

E a arteterapia no contexto da cibercultura?

Desde que a mídia digital é usada para a auto expressão do indivíduo e a influência da comunicação digital e mídias sociais atingem o campo da prática terapêutica, elas impactam diretamente a prática da arteterapia. Cathy Malchiodi, em seu importante livro *Art Therapy and Digital Technology* (Arteterapia e tecnologia digital) publicado originalmente em 2000 e atualizado e republicado em 2018, traz uma definição para uma arteterapia específica que contempla o contexto tecnológico. Ela nomeou de “Arteterapia digital”, com a seguinte definição:

Todas as formas de mídias baseadas em tecnologia, incluindo colagens, ilustrações, filmes, e fotografias que sejam utilizadas por terapeutas para acompanhar clientes na criação artística como parte do processo de terapia (MALCHIODI, 2011, p.33 apud MALCHIODI, 2018, p.23)

Apesar da nomenclatura recente, a prática da arteterapia com mídias digitais (ou artes eletrônicas, como eram chamadas) teve precursores. Como Shaun McNiff, que utilizou a produção de vídeo portátil no início da década de 1970 num programa arteterapêutico em um hospital. David A. Krauss, Jerry L. Fryrear, Judy Weiser e Robert Wolf os quais trabalharam com fotografia no campo terapêutico desde a década de 70. Diane Weinberg, que trabalhou com um simples programa gráfico para desenho e manipulação de imagens com pacientes com limitações físicas como quadriplegia, derrame ou trauma cerebral na década de 1980. Devorah Canter, que na década de 1980 estudou e defendeu o uso terapêutico da tecnologia para crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem. Parker Bell, que na década de 1990 investigou o uso de softwares criativos para arteterapeutas, e na mesma década, Kate Collie e Davor Čubranić, ambos examinaram o uso dos serviços de arteterapia em formatos de telemedicina para criar serviços psicossociais baseados em arte à distância para pessoas com câncer e outras doenças. E Carol McLeod pioneira no uso de computadores e softwares e seu trabalho nas escolas, demonstrando como a tecnologia pode realçar a expressão criativa, também na década de 1990. Todos estes precursores pesquisaram e publicaram seus trabalhos e são citados por Cathy Malchiodi (2018, p.23-27).

Muitas destas tecnologias citadas já foram popularizadas e se tornaram acessíveis já há muitos anos. Porque nós, arteterapeutas, não as incluímos ainda em nossas práticas, ou mesmo em nossas pesquisas? Sabemos utilizá-las? Conhecemos seus potenciais e obstáculos?

Sinceramente, não acredito que devemos abandonar nossos materiais artísticos que amamos tanto como tintas, lápis de cor, papéis, pincéis, argila, e outros. Não vejo como uma questão de substituição, mas sim de inclusão! Precisamos aumentar nossa paleta, como afirma Malchiodi

(2018, p.28) que essas formas de arte rapidamente emergentes não somente forçam artistas a ampliar a questão de o que são materiais artísticos, mas também impacta como arteterapeutas buscam atingir seus objetivos por meio da auto expressão. Sem falar nos nativos digitais¹, os quais agora demandam que aqueles que oferecem intervenções a crianças compreendam as possibilidades, desafios e limitações da tecnologia digital (PRENSKY, 2001 apud MALCHIODI, 2018, p.29).

Tive a oportunidade no início de 2021 começar a atender voluntariamente uma criança entrando na pré-adolescência, reclusa pela pandemia, em contexto familiar com histórico sensível, de poucos recursos, porém, totalmente imerso no mundo digital. Com todo o atendimento sendo feito online, passamos mais de seis meses com atividades utilizando materiais expressivos tradicionais, como lápis de cor, giz de cera e mesmo aquarela. Porém não houve sucesso em motivá-lo ao uso destes ou outros materiais, o cliente voltava sempre para o lápis preto, e raramente usava cores. Não havia bloqueios, apenas um desinteresse que perdurou por meses. Houve então um momento de virada: o cliente trouxe em sessão, de uma forma tão intensa seu novo interesse: estava criando um jogo em seu *smartphone*, usando aplicativos. A partir daí, dando corda para que ele se expressasse pelas tecnologias, trouxe seus símbolos para dentro do desenho digital, criação de jogos e modelagem tridimensional, onde suas imagens e histórias interiores ganharam cores, velocidade, interatividade, enfim, ganharam vida.

É papel de todos nós, profissionais da arteterapia facilitar e oportunizar os indivíduos na expressão de seus conteúdos internos, e quando lidamos com situações tão atuais como as intensas discussões sobre os excessos de uso e vício em telas, games, relações à distância, a presença da tecnologia

1. Indivíduos nascidos depois de 1980 que cresceram na era digital em comunidades e culturas com acesso à tecnologia.

cada vez mais frequente ao nosso redor e os *wearebles*² que transformam nossa relação com nosso próprio corpo, precisamos estar atentos em quanto e como estas novidades transformam os indivíduos e até mesmo a nossa dinâmica arteterapêutica com nossos clientes.

De novo essa sensação de um canal fora do ar. Conte em seu relógio o tempo de apenas um segundo. É assustador viver num tempo em que neste *um segundo* mais de 3 milhões de e-mails foram enviados, mais de 95 mil vídeos foram assistidos no YouTube, mais de 100 mil buscas foram feitas no Google, Mais de 100 *Terabytes* de informação foi transportada pela internet, mais de mil fotos foram adicionadas ao Instagram. E talvez o mais assustador é que estes números só crescem³.

Estou aqui, redigindo este artigo em um processador de texto alocado na nuvem. O texto será enviado em milésimos de segundo para a pessoa que irá revisá-lo. Essa pessoa poderá estar em qualquer outro lugar de nosso planeta. Será diagramado por softwares gráficos e impresso por impressoras que transformarão os bits de informação em tinta no papel. Provavelmente você ficou sabendo da existência desta publicação e combinou sua entrega por mensagens instantâneas e depois de ler, pode ser que compartilhe em suas redes sociais suas impressões sobre o que te impactou.

Consegue imaginar um mundo sem internet? Pois bem, ela só cresce, e igualmente nossa dependência dela.

Pode ser que você seja um profissional atento às mudanças que estamos vivendo, mas é bem provável que também seja pego de surpresa de vez em quando assistindo um canal fora do ar. Mas para nós, arteterapeutas, o mais importante é que abramos os olhos para os tempos que vivemos. Como nos alertou Brian Austin, há mais de dez anos:

Irá a nossa profissão sucumbir ao destino dos aprendizes

2. Tecnologia que é vestível em nosso corpo.

3. Consultado em 19 de abril de 2022 em <https://www.internetlivestats.com/one-second/>

de feiticeiro — sem instrução e sobrecarregados pelas últimas ferramentas tecnológicas, e deixados para sofrer de delírios de grandeza e inundação? — Ou irão os Arteterapeutas tornarem-se inteligentes tecnologicamente, que incorporam o feiticeiro — onde o conhecimento das mídias permite a expressão de rico conteúdo simbólico enquanto também facilita uma capacidade terapêutica de dispersar as águas negras de nossos inundados clientes? (AUSTIN, 2009, p.85 apud MALCHIODI, 2018, p.36)⁴

É bastante comum que vejamos muitas críticas a respeito dessa magia que a tecnologia nos encanta por bem e por mal. E são realmente críticas importantes. É preciso pensar e repensar os caminhos que a humanidade adota. É preciso repensar nossos rumos. Porém a internet não traz somente efeitos negativos. Há sim vícios em jogos, vícios em telas, excessos de todos os tipos, porém não podemos tornar tudo isso um demônio que deve ser exorcizado. Há sim coisas fantásticas que a tecnologia e a ciência desenvolveram e que hoje são fundamentais para a nossa vida: o acesso à informação, serviços, produtos, educação, saúde, entretenimento, sem limitação geográfica ou temporal, por exemplo.

Temos sim que discutir os efeitos negativos, e encontrar limites saudáveis, mas temos também que preservar o que se apresenta de positivo. E para isso, Temos que levar em conta Pierre Lévy, que na década de 90, enquanto a internet estava ganhando forma e ritmo de expansão pelo mundo, estudou seus efeitos e escreveu:

Meu otimismo, contudo, não promete que a internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas

4. Tradução do autor.

nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (LÉVY, 2010, p.11).

Cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço. Precisamos parar imediatamente de rejeitar as mudanças. Lutar contra nos torna distantes de tais fenômenos e incapazes de lidar com eles. Temos sim, que refletir e ponderar o uso saudável de cada novidade. Temos que parar de demonizar o que nos amedronta, o que não conhecemos, e que ameaça nosso pequeno mundo conhecido. Temos que incorporar a magia do mundo digital ao nosso mundo (ou apenas perceber que ela já está lá). Temos de incorporar o universo digital em nosso trabalho arteterapêutico, seja na forma digital de atendimento, seja nos instrumentos e materiais expressivos virtuais, ou seja mergulhando no imaginário de um cliente nativo digital e trazendo à tona suas imagens interiores.

Imagens estas que não sejam de um canal fora do ar. Que se conectem, que sejam mais conscientes, que ajudem cada vez mais as pessoas a terem sabedoria ao lidar com a tecnologia. E que seus efeitos sejam sempre positivos dentro ou fora do *setting* arteterapêutico.

Referências bibliográficas

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MALCHIODI, Cathy. **The Handbook of Art Therapy and Digital Technology**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2018.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Editora Aleph, 2016.



Cláudia Zamboni de Almeida

AATERGS 207/0620

Licenciada em Educação Artística (UCS - 1994), pós-graduada/Aperfeiçoamento em Formação para a Educação a Distância (UCS – 2004), especialista em Arteterapia: Processos Simbólicos (UCS - 2021), mestra em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – 1999). Desde 1996, é professora na Universidade de Caxias do Sul e, atualmente, ministra aulas nos cursos Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais e Bacharelado em Criação Digital.

claudiazamboni@gmail.com
@claudiazambonialmeida





Arteterapia e arte digital: um encontro possível

Cláudia Zamboni de Almeida

Este artigo apresenta algumas ideias para pensarmos o entrelaçamento entre a arteterapia e a arte digital. Para tanto, optou-se por relacionar alguns inventos a produções artísticas, enfocar ideias e conceitos que emergem na cultura digital, exemplificar o uso de tecnologias digitais na arteterapia e, por fim, destacar que o comportamento humano é afetado pelo contexto histórico e cultural e isso repercute no processo arteterapêutico.

Nem sempre é fácil identificar quando um objeto é arte e quando se trata de um artefato comum. Para Goodman (1984), um objeto comum pode ser considerado uma obra de arte, desde que tomado pela função simbólica típica da arte. Esse enfoque é relevante para a arteterapia, pois a produção simbólica está no cerne do processo arteterapêutico. Quando o cliente fala sobre o que foi produzido, atribuindo-lhe sentido, o faz porque a produção artística permite camadas de significado. Goodman exemplifica essa condição ao falar de uma pedra, que, dependendo do ambiente em que está inserida, pode ser entendida como arte ou como um objeto comum. Se exposta num museu de arte, a nossa atenção será direcionada para a função simbólica do objeto pedra. Se encontrada num caminho, possivelmente será tratada como um objeto ordinário, onde poderá passar despercebida. No museu de arte a pedra assumirá função metafórica, como no caso da obra de

Yoko Ono, *River Bed* (1996/2013)¹. A obra de Ono sugere, entre outras possibilidades interpretativas, que a memória é lentamente moldada pela passagem do tempo, assim como a pedra é moldada pela água corrente.

Assim como os objetos comuns/ordinários, os inventos tecnológicos foram sendo incorporados à arte. A exemplo disso, pode-se mencionar a capacidade humana de manipular o vidro, que está na base da invenção do espelho e, conseqüentemente, relacionada à presença do autorretrato na história da arte. O autorretrato “não existia como convenção artística na Europa antes de 1400. As pessoas pintavam paisagens, a realeza, cenas religiosas e mil outros temas. Mas não pintavam a si mesmas” (JOHNSON, 2015, p. 31). Isso ilustra uma condição recorrente na arte, que é a apropriação de inventos de diferentes áreas do conhecimento e sua incorporação no processo de criação artística. O mesmo acontece com o uso de tecnologias digitais na arte, o que pode ser exemplificado pela presença do digital na produção de retratos. A primeira imagem digital (Figura 1), produzida em 1957, é atribuída ao engenheiro estadunidense Russell Kirsch e mostra o retrato de seu filho Walden. Essa imagem é inaugural para o desenvolvimento dos processos de aquisição, armazenamento, edição e distribuição da imagem, mas não é um retrato que nasce no campo da arte, como é o caso dos exemplos que seguem.



Figura 1 – Primeira imagem digital, 1957 (Fonte: Wikimedia Commons: Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:NBSFirstScanImage.jpg>. Acesso em: 24 abr 2022.)

1 Disponível em: <https://www.guggenheim-bilbao.eus/en/learn/schools/teachers-guides/activism-and-implications-2>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Uma das primeiras artistas a utilizar tecnologia digital foi Nancy Burson. No início dos anos 1980, durante a guerra fria, ela criou a obra “Warhead I” (Figura 2), que é o resultado da fusão de retratos digitalmente editados. “Warhead I” foi construída a partir de retratos dos líderes dos cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, considerando, proporcionalmente, o número de ogivas nucleares que cada um possuía: Ronald Reagan (55%), Leonid Brezhnev (45%), Margaret Thatcher (menos de 1%), François Mitterrand (menos de 1%) e Deng Xiaoping (menos de 1%). A obra simboliza o ambiente político da época, que foi marcado pelo Tratado de Não-Proliferação Nuclear (1968). O Tratado legitimou a posse de armas nucleares para os Estados Unidos, a União Soviética, a Grã-Bretanha, a França e a China.

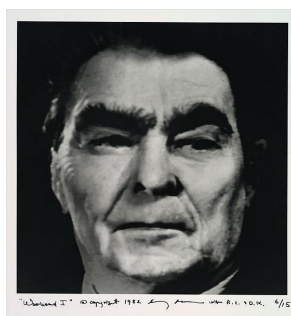


Figura 2: Nancy Burson, “Warhead I”, 1982 (Fonte: Metropolitan Museum of Art: Disponível em: <https://collectionapi.metmuseum.org/api/collection/v1/iiif/266955/632100/restricted>. Acesso em: 25 abr. 2022.)

A artista Lillian F. Schwartz também é conhecida por utilizar computadores para manipular imagens. Em 1987 produziu “Mona/Leo” (Figura 3), que apresenta a sobreposição de um fragmento do autorretrato de Leonardo da Vinci à imagem da Mona Lisa.

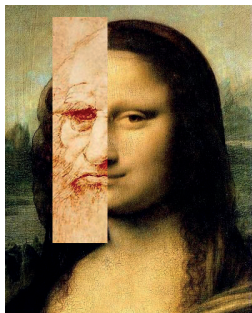


Figura 3 – Lillian F. Schwartz, “Mona/Leo”, 1987 (Fonte: Wikimedia Commons: Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8e/DaVinci_MonaLisa1b.jpg?uselang=es-formal. Acesso em: 25 abr. 2022.)

Anthony Aziz e Sammy Cucher utilizam a manipulação digital em suas obras. A série Dystopia mostra retratos com os orifícios do rosto cobertos, digitalmente, de pele (Figura 4). Tal procedimento faz com que parte das características individuais dos retratados sejam alteradas, “produzindo rostos de ninguém com um incrível efeito de realidade conseguido pela aparência fotográfica da imagem” (FLORES, 2002, p. 53), abalando, assim, a crença de que a fotografia é a captura do real.



Figura 4 – Aziz e Cucher, “Chris”, 1994-95 (Fonte: Site AZIZ + CUCHER: Disponível em: https://images.squarespace-cdn.com/content/v1/5b4d07140dbda3ccedb204dc/1536440390880-IZMFGIXI4PY99COC6IJQ/image_3197191955.jpg?format=750w. Acesso em: 25 abr. 2022.)

No âmbito deste breve texto, optou-se pela temática de retratos para apresentar algumas produções que envolvem arte e tecnologias digitais. Além do impacto na produção artística, os novos conhecimentos fazem nascer novos conceitos que impulsionam outras maneiras de pensar o mundo. Esse é o caso da noção de realidade híbrida, conceito defendido por Anders (2001) e estendido por Beiguelman (2004). Sobre o conceito de híbrido, Beiguelman, numa entrevista à Cláudia Nonato, esclarece:

Quem começou primeiro a usar esse conceito foi um arquiteto chamado Peter Anders e a definição dele de ciberidismo é uma projeção do virtual no real. A minha definição de ciberidismo é um pouco diferente, é a interpenetração entre essas categorias, ou seja, é acabar [com] essa diferença entre mundo off-line e mundo on-line. Assumir que o processo de digitalização é tão inequívoco, que as redes são tão ubíquas, que se tornou um anacronismo falar em real e virtual. Então, esse estado de emergência híbrida é a emergência dessa interpenetração de campos. (NONATO, 2013, p. 85, grifo nosso)

Faz mais de 20 anos que o apagamento de fronteiras entre o real e o virtual é anunciado. Porém, em alguns contextos, fala-se que a pandemia da COVID-19 nos forçou a migrar para o virtual. Entretanto, no campo da arte, essas fronteiras já estavam problematizadas. Lévy, em 1997, destacou quatro obras como sendo típicas da cultura digital. Entre elas está *Golden Calf* (1994), de Jeffrey Shaw (Figura 5). Fisicamente, a obra apresenta um pedestal, onde deveria estar uma escultura, mas o que se vê é o vazio.

A estátua está ausente. Uma tela plana repousa sobre a mesa ao lado do pedestal. Ao apreendê-la, você se dá conta de que esta tela de cristal líquido se comporta como uma “janela” para a sala: dirigindo-a para as paredes do teto, você vê uma imagem numérica das paredes ou do teto. Orientando-a para a porta de entrada você faz aparecer um modelo numérico da porta. Quando você gira a tela em direção ao pedestal, você descobre com surpresa uma estátua soberba, brilhante, magnificamente esculpida. O

veado de ouro somente é visível através da tela. Ele “não existe” senão virtualmente. (LÉVY, 1997, p. 99)



Figura 5 – Jeffrey Shaw, “Golden Calf”, 1994 (Fonte: Site Jeffrey Shaw: Disponível em: <https://www.jeffreyshawcompendium.com/portfolio/golden-calf/>. Acesso em: 1 maio 2022.)

Diferentemente do que se via na década de 1990, a onipresença das tecnologias digitais (equipamentos, dispositivos, wi-fi etc.) no cotidiano chama outros conceitos que apoiam a compreensão do nosso tempo, como é o caso do “pós-digital”, conceito explicitado por Santaella (2017, p. 13):

Foi-se o tempo das euforias, aliás, devidamente acompanhadas pelas disforias que, nos seus extremos, preconizavam nostalgicamente o apocalipse. Felizmente, dissipou-se esse tempo de extremismos com respeito ao digital. Agora é hora de enfrentar suas ambivalências, paradoxos e contradições. É justamente isso que tem sido chamado de “pós-digital”. Não é de se estranhar que foram os artistas aqueles que mais rapidamente se apropriaram dessa nova terminologia com a qual pretendem evidenciar que, na contemporaneidade, todas as fronteiras entre analógico e digital, natural e artificial, orgânico e maquínico tendem a se dissipar diante da pletora de possibilidades que se abrem para a hibridação e para escolhas high, mixed ou low tech, sob a jurisdição dos processos criadores dos artistas.

É esperado que a arteterapia incorpore os modos de fazer arte de todos os tempos. Portanto, incluir as tecnologias digitais

no *setting* arteterapêutico deveria ser consequente². Na década de 1990 o acesso às tecnologias digitais era restrito a poucos. Hoje, na segunda década do século XXI, vivemos num cenário muito diferente, em que a ubiquidade das tecnologias digitais de comunicação e informação mudou os modos de viver e pensar o mundo. É nesse contexto que o acesso às tecnologias ficou mais abrangente no sentido de serem gratuitamente disponibilizadas e com interfaces que facilitam a interação de pessoas não familiarizadas com conhecimentos restritos da linguagem computacional. A exemplo disso, pode-se mencionar os *softwares* não proprietários para criar diferentes categorias de imagens, como: Gimp, Inkscape, Blender; aplicativos on-line para criar imagens fixas bidimensionais, como edição de fotografias, desenho vetorial, ou imagens em movimento, como vídeos e animações ou, ainda, construir história em quadrinhos e livros digitais hipermediáticos. Também há a categoria dos dispositivos, como óculos de realidade virtual, com valores cada vez mais acessíveis. São tantas as opções para a criação de imagens, que é impossível fazer uma listagem.

Os recursos estão disponíveis, e o desafio do profissional é pensá-los no contexto da arteterapia. Para tanto, é preciso descartar a ideia de tentar simular no digital o que é feito com materiais, como tinta, argila, giz de cera, revista etc. Por óbvio, há aproximações, mas a natureza da produção com tecnologias digitais é outra. Faz-se necessário, portanto, conhecer as propriedades e as possibilidades de criação ao associar arteterapia e tecnologias digitais. Para exemplificar o uso das possibilidades e abordar alguns tópicos das propriedades, serão descritas as etapas realizadas na criação de “TotemEUs” (Figura 6), produzida com o aplicativo on-line Pixlr E (<https://pixlr.com/br>) em uma sessão de arteterapia.

A proposta foi realizada considerando o processo arteterapêutico do criador e fez sentido naquele contexto. Assim, não é uma estratégia que possa ser utilizada de forma

2 No currículo da primeira turma (2019) do curso de Especialização em Arteterapia: Processos Simbólicos, da Universidade de Caxias do Sul (RS) já constava uma disciplina cuja ementa previa os usos, indicações e características de recursos digitais que possibilitassem a expressão, tais como, fotografia, vídeo, animação, redes sociais, games, entre outros.

descontextualizada/despessoalizada. Na ocasião, a estratégia foi pensada a partir do que a pessoa trouxe para a arteterapia, que foi a queixa de que o uso de redes sociais estava impactando negativamente no seu cotidiano. A proposta oportunizou que a pessoa falasse sobre suas crenças com relação à comunicação e convívio nas redes. Do processo, destacam-se os seguintes momentos:

1º momento: o criador digitou seu nome completo num site de pesquisa na web, foi na aba “Imagens” e baixou todos os retratos (fotografias só de rostos) que encontrou, mesmo que não fossem a fotografia de si.

2º momento: a composição reuniu a coletânea de retratos baixados, utilizando ferramentas digitais disponibilizadas no aplicativo, tais como: redimensionamento, espelhamento, duplicação de camadas, aplicação de filtros, entre outras possibilidades. Além das ferramentas, vários procedimentos foram experimentados: salvar as diferentes etapas do processo, resgatá-las posteriormente e reeditá-las de diferentes maneiras; multiplicar e transformar uma imagem; uniformizar/igualar, por meio do tratamento da cor, imagens que eram singulares.

3º momento: atribuir sentido à imagem criada. Nessa etapa, apareceu um discurso que, pode-se dizer, é compatível com a cultura digital: “a individualidade se perde no mar de imagens compartilhadas”, “descaracterização da pessoa”, “tudo vira uma coisa só, no pior sentido”, “é difícil saber o que é meu e o que é do outro”, “idealizo uma forma de ser, de ser original, única e não dou conta dessa invenção”, “cada vez que me penso, pareço ser outra



Figura 6 – “TotemEUs”, imagem criada com o editor de imagem online Pixlr E
(Fonte: Acervo da autora, 2022)

coisa, como num caleidoscópio...não me encontro”.

A arte está na base da arteterapia; é indissociável. No entanto, nota-se que alguns movimentos da arte moderna, como Expressionismo, Surrealismo e Dadaísmo, são mais influentes nas proposições de dinâmicas arteterapêuticas. Porém, a quase onipresença de estratégias terapêuticas associadas a esses movimentos artísticos deixa à margem potencialidades que enriqueceriam a arteterapia. Defende-se, portanto, que as manifestações artísticas de todos os tempos sejam consideradas no processo arteterapêutico, o que inclui a arte digital.

Os modos de fazer e pensar arte são dinâmicos, afetam e são afetados pelo ambiente histórico e cultural. Assim, a relação humano-arte-terapia não pode desconsiderar essa condição, como nos lembra Ostrower (1987, p. 11-12):

O comportamento de cada ser humano se molda pelos padrões culturais, históricos, do grupo em que ele, indivíduo, nasce e cresce. Ainda vinculado aos mesmos padrões coletivos, ele se desenvolverá enquanto individualidade, com seu modo pessoal de agir, seus sonhos, suas aspirações e suas eventuais realizações.

O contexto histórico e cultural transpassa a existência humana, e somos chamados a nos compreendermos frente às realidades mistas nas quais performamos. Como mencionado anteriormente, é característica das primeiras décadas do século XXI a ausência de delimitações entre o virtual e o real/físico, o tecnológico e o natural, e essa condição tem aparecido nos discursos proferidos no *setting* terapêutico. Por exemplo, as redes sociais oferecem um território propício para a exposição de fragmentos de si. A pessoa “existe” naquela plataforma e há interações com outras pessoas, mesmo que esteja off-line. Evidentemente, essas circunstâncias poderiam ser expressadas por meio de linguagens artísticas consideradas tradicionais (desenho, pintura, modelagem, gravura, entre outras), porém a natureza do digital oferece possibilidades que o analógico não alcança, como exemplificado na produção “TotemEUs”.

Não é esperado uma adesão incondicional ao mundo digital.

Santaella (2017), ao falar sobre o pós-digital, nos mostra que é necessário pensar criticamente sobre a cultura digital. Entretanto, o que nos cabe como arteterapeutas é compreender o cenário que aí está e acolher as demandas decorrentes do atual momento.

Ainda é frequente, entre os arteterapeutas, o argumento de que nem todas as pessoas estão aptas a utilizar ferramentas e procedimentos digitais para se expressarem. Esse argumento não se sustenta se pensarmos que nem todas as pessoas sabem utilizar aquarela, nem todos dominam a escrita a ponto de realizar a escrita criativa (em especial, crianças), tampouco todas gostam de modelar em argila ou de desenhar, por exemplo. Assim como a argila não é adequada para ser utilizada em qualquer situação ou para todos os públicos, o mesmo pode ser dito com relação ao digital. É necessário conhecer a natureza, as propriedades e as possibilidades da criação digital para inseri-la na arteterapia. Incorporar a cultura digital nesse contexto, mais do que uma opção, é uma demanda. Será que estamos dispostos a promover o entrelaçamento entre a arteterapia e a arte digital e descobrir o que emergirá desse encontro?

Referências bibliográficas

ANDERS, Peter. **Toward an architecture of mind**. In: CAiiA-STAR Symposium: 'Extreme parameters. New dimensions of interactivity. Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya, 2001. Disponível em: <<https://www.uoc.edu/caiia-star-2001/eng/articles/anders0302/anders0302.html>> Acesso em: 1 maio 2022.

BEIGUELMAN, Giselle. **Admirável mundo cúbido**. 2004. Disponível em: <https://www.academia.edu/3003787/Admir%C3%A1vel_mundo_c%C3%Adbrido>. Acesso em: 1 maio 2022.

FLORES, Maria Teresa Silva Guerreiro Mendes. **Do daguerreótipo ao protótipo: elementos sobre a digitalização da fotografia**. Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura n. 2, p. 51-58, 2002. Disponível em: <<https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/613>>. Acesso em: 25 abr. 2002.

GOODMAN, Nelson. **Ways of worldmaking**. Indianapolis: Hackett Publishing, 1978.

JOHNSON, Steven. **Como chegamos até aqui: a história das inovações que fizeram a vida moderna possível**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LÉVY, Pierre. **Quatro obras típicas da cibercultura: Shaw, Fujihata, Davies**. In: DOMINGUES, Diana (org.). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: FAPESP, 1997.

NONATO, Cláudia. **Giselle Beiguelman, uma pensadora da contemporaneidade**. Comunicação & Educação, vol. 18, n. 2, p. 83-88, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/68333/78616>>. Acesso em: 1 maio 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SANTAELLA, Lucia. **Um panorama caleidoscópico da arte em suas feições digitais**. GOBIRA, Pablo; MUCELLI, Tadeus (org.). **Configurações do pós-digital: arte e cultura tecnológicas**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017, p. 11-13.



Maria Cristina Corrêa

AATERGS 211/1120

Cristina Corrêa é Arteterapeuta, com formação em Pedagogia, Arte-Educação, Neurociência do Desenvolvimento Humano, Neuropsicopedagogia e atualmente realizando a formação em Psicanálise.

Para ela a Arteterapia é encontro de potências e transformações no desenvolvimento humano. Esta face terapêutica das Artes promove a saúde global porque abrange o indivíduo na sua psique e suas pulsões, no seu desenvolvimento motor, na neuroquímica cerebral além de promover habilidades sociais.

Arteterapia é Vida!

Arteterapia é transformação!





A vida é um ato processual

Maria Cristina Corrêa

Quando observamos os fluxos da existência, percebemos seus processos e seus movimentos, suas idas e vindas. Sim, poderíamos comparar a vida a um vasto oceano, repleto de mistérios, elementos e marés. Nossas emoções representam a água deste imenso oceano, propiciando vida, e assim como as marés, trazem à tona subjetividades e mistérios, muitos dos quais se encontram ainda inconscientes.

Penso na vida como um ato processual, uma ação ativa, entremeada por diversas outras ações, repleta de elementos tangíveis e intangíveis. E, quando penso em movimento, elementos e ações, duas palavras parecem abarcar as demais; Arteterapia e Neurociência.

Os processos arteterapêuticos estão repletos de movimento, de um pulsar vivo que traz do inconsciente conteúdos fundamentais para o autoconhecimento. Ao falarmos sobre pulsar, também estamos nos referindo a mais um ato processual, no corpo físico, o coração. Este órgão tão fundamental que permite o ritmo e o fluir, levando elementos importantes às células... somos células de um organismo maior, a vida. Neste ritmo constante, onde o individual está imbricado no social, a Arteterapia, esta face terapêutica das Artes, vem ao encontro da vida, promovendo o desbloquear de emoções, mostrando o luminoso e o oculto, trazendo luz às sombras, clareando o caminho, fazendo enxergar, ampliando

o alcance do nosso olhar. Desta forma, oxigena, assim como os pulmões, a vida que nos habita, a vida ao nosso redor.



Pulsões e inconsciente, reorganizando a pessoa do espectro autista.

Arteterapia e suas interfaces

A primeira expressão escrita do humano foi seu registro nas paredes de cavernas. Nossos antepassados imprimiam mais que vivências rupestres, a partir dos desenhos, colocavam também suas subjetividades e a magia propiciatória, esta última, carregada de desejos, elementos intangíveis e força anímica.

Segundo a psicanalista Mélanie Klein, trazemos no nosso DNA registros dos nossos antepassados, desde o primeiro. Talvez seja por isso que a Arte é inerente ao ser humano, provavelmente seja esta uma das explicações sobre o porquê somos seres sensíveis e artísticos, dotados de múltiplas inteligências e também de múltiplos sentimentos, emoções...

A Arteterapia está para o humano assim como o humano está para as Artes, um no outro, um interligado com o outro, pois a Arte é inerente ao ser humano. A partir de vivências arteterapêuticas, é possível o alívio das pulsões, o desbloqueio de crenças limitantes, a expressão das emoções, a interpretação de si mesmo neste tempo do aqui e do agora. Esta potente ferramenta permite a melhoria de muitos dos nossos traumas, de muitas dores. Contribui com uma melhor qualidade de vida para todos e todas, independente das patologias ou não patologias. Processos arteterapêuticos

também, assim como a vida, são atos processuais permeados de recursos e possibilidades para gerar um salto de qualidade para aquele ou aquela que aceitar fazer parte desta aventura artística e terapêutica. E, quando me refiro a aventura, quero afirmar a leveza e fluidez inerentes também à vida humana, e mais uma vez as vejo impressas neste pulsar, neste ritmo marcado pelo próprio coração onde encontra-se também a fluidez das águas internas, a leveza e a densidade do sangue. Muitas vezes é necessário coragem para aceitar esta aventura e conhecer em si tais elementos... leveza e fluidez... nem tudo são sombras, nem tudo precisa ser rígido, é necessário encontrar o próprio ritmo, e, assim como as batidas do coração e o oxigênio transportado pelo sangue às células, oxigena e ajusta ao próprio movimento interno destes pulsares.

Neurociência e Arteterapia

O cérebro permanece em constante transformação ao longo de toda a vida. As relações sociais que estabelecemos modelam nossas ligações neurais que formam a estrutura do cérebro, a maneira como nos comunicamos altera a circuitaria cerebral, ajudando a manter o equilíbrio da vida. Cada sinal neural traz consigo uma quantidade de informações, sendo o sistema nervoso responsável pela circulação destas informações, assim como o coração faz o sangue circular. O cérebro interage com outros sistemas do corpo e este com o mundo externo. Mente e cérebro possuem uma interação profunda, são um sistema único e codependente.

Desta forma, o que acontece com a mente transforma o cérebro, de maneira temporária ou duradoura, e o que ocorre no cérebro muda a mente, uma vez que ambos estão integrados neste mesmo sistema.

O compartilhar, interagir, aciona as emoções básicas e os comportamentos. Isso porque todos utilizam os sistemas operativos emocionais básicos nas suas relações com as pessoas. A Neurociência Afetiva estuda os estados emocionais básicos que estimulam processos neurológicos e fornecem todo o fundamento

para a mediação e modulação de alterações no comportamento. Tem como caminho compreender a natureza da experiência emocional dos indivíduos e evidenciar os processos neurais que sustentam nossas emoções e experiências emocionais. Nosso cérebro, hormônios e neurotransmissores vão ativar circuitarias que farão a pessoa ficar hipervigilante, hiperfocada, por exemplo. Emoções são programas de ação que gerenciam alterações em todo o seu corpo, essas alterações são ações microscópicas como a liberação de hormônios na corrente sanguínea, ou a secreção de neurotransmissores nas sinapses dos neurônios, promovendo ações complexas como alterações de comportamento. As emoções estão aí para garantir nossa sobrevivência.

Quando tomamos consciência das nossas emoções passamos para outro processo cerebral que chamamos de sentimento. O sentimento é a percepção consciente e parcial das emoções. As estruturas e circuitarias cerebrais que são responsáveis por mediar as emoções não são as mesmas que mediam os sentimentos.

Dentro de todo este contexto percebemos que nosso corpo e tudo que nele está, seus sistemas; sejam eles orgânicos os subjetivos, encontra-se interligado e funcionando de forma sistêmica. O bem-estar acontece quando esta orquestraria cerebral se harmoniza com esta sinfonia corpórea, sensitiva, intuitiva e perceptória de si, dentro do contexto onde o indivíduo está inserido.

Por isso a Arteterapia é incrivelmente importante e assertiva na sua forma terapêutica, pois traz esta visão do humano, uma visão integrativa onde as partes estão imbricadas no todo e este todo formado pelas partes. Dentro desta perspectiva, não se vê o sujeito como um humano com disfuncionalidades, e sim como uma pessoa que possui fluências e potencialidades, características que, quando bem conduzidas, contribuem para que a pessoa em questão possa buscar em si tais riquezas e possa também observar a própria forma sistemática de ser e estar no mundo.



Autoconhecimento e adolescência, percebendo o corpo e as fases.

Arteterapia, uma face processual

Assim como o transcorrer da vida, a Arteterapia também é processual.

Dentro da forma poética como as sessões arteterapêuticas são construídas, possibilitam o acolhimento necessário para acessos ao inconsciente, para acessos à neuroquímica cerebral e também a autorregulação da psique, mostrando desta forma que seu alcance, dentro desta perspectiva processual, abrange a integralidade do ser, acalmando demandas difíceis, e com isso facilitando um melhor fluir do sistema dopaminérgico, exaltando e contactando com riquezas e potências internas, impulsionando à coragem de ser e estar no mundo, diminuindo com isso a ansiedade, contribuindo para ampliar o foco no momento presente.

Observamos com este fluxo de arte e vida que tudo que acontece no nosso mundo interior, de certa forma está ligado ao nosso mundo exterior. O que reproduzimos nas nossas relações, nos meios onde atuamos e no nosso mundo externo, torna-se um reflexo de nossas emoções, sentimentos, pensamentos e com todos os movimentos que nosso organismo também apresenta...

os altos e baixos como o ritmo do coração, o fluxo sanguíneo como o nosso dia a dia, levando e trazendo elementos necessários para nossa sobrevivência, a oxigenação e purificação do ar, realizada no nosso pulmão, expressa nos nossos pensamentos, que podem ser leves ou densos, podem arejar ou sufocar...

Todos estes movimentos e ritmos podem ser aprimorados através dos processos arteterapêuticos. Nossa vida e tudo que nela está flui melhor quando entendemos a nós e aos nossos ritmos e fluxos, quando nos aceitamos com todas as nossas riquezas e contundências, com nossos altos e baixos, pois tudo é movimento, assim como a vida, que também é movimento.

E dentro deste bojo está a Arteterapia, servindo como um regulador, como um ajuste na rota da vida, elevando-nos como humanos, sensibilizando-nos como seres relacionais e processuais, contribuindo para além do nosso autoconhecimento, permitindo nossa entrega a nós próprios, ao nosso Self e ao nosso mundo, trazendo com isso leveza e fluidez, garra e conquista, autorrespeito e autocuidado, elementos básicos singulares para uma sociedade plural.

Concluo, parafraseando a psicanalista Nise da Silveira, que com tanta sabedoria e propriedade já nos chamava a atenção sobre a coragem necessária para navegar neste imenso oceano chamado vida, espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão.

Referências bibliográficas

NICOLELIS, Miguel. **Muito Além do Nosso Eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIVERA, Tania. **Arte e Psicanálise**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Sobre a AATERGS



A AATERGS tem como finalidade a de congregar Arteterapeutas, Instituições de Arteterapia, representando-os em nível estadual, nacional e internacional a fim de estabelecer intercâmbio de conhecimentos e experiências, coordenando seus esforços, estudos e ações.

Como sociedade civil, sem fins lucrativos, desde 2003 a AATERGS trabalha para o reconhecimento e fortalecimento do profissional da Arteterapia no Estado do Rio Grande do Sul. A Associação também examina os programas dos Cursos de Formação e Especialização e associa estudantes e egressos dos cursos habilitados. Além de promover atividades e eventos na área preocupando-se com a atualização e formação continuada dos profissionais associados.

www.aatergs.com.br
(54) 9107.9936
aatergssecretaria@gmail.com
@aatergs



Um círculo, um mandala. A união que a AATERGS representa como uma unicidade e a centralidade que ganha forma com cada parte agregada.

Uma espiral, um mergulho num túnel, num caminho, para ressignificar toda uma trajetória, memória e história.

Como as múltiplas cores, a diversidade que a Arteterapia possui entre nós, arteterapeutas.

Pintada com tintas naturais, pigmentos da própria natureza, manipulados pela mão humana. Mão: tão significativa para a marca de nossa Associação e para a Arteterapia.

O artista, Paulo R. Alonso